

A man is sitting on a beach, wearing a dark jacket and light-colored pants. His face is obscured by a thick, horizontal red brushstroke. The background shows the ocean and a clear sky.

CÃES
VELHOS
EM
PEDRA
FRIA

UMA FANTASIA
SOBRE A DOR
HUMANA

ISRAEL DE SÁ

CĂINE

VELE

EM

DIFF

Israel de Sá

Cães Velhos em Pedra Fria

Cães Velhos em Pedra Fria

SÁ, Israel de

2ª Edição

Abril de 2019

Capa: Canva

Diagramação: Israel de Sá

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem a prévia autorização do autor.

*Para aqueles que amo,
os mesmos que me disseram “não desista”,
agora digo eu: É por vocês.*

“Começar a pensar é começar a ser atormentado.
A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo.”

Albert Camus

“Morte, não te orgulhes, embora alguns por poderosa e terrível te tomem, pois não és assim. Pobre morte, aqueles que crês que levaste não morrem tampouco poderás matar a mim.”

John Donne

“Nenhum homem que tenha vivido conhece mais sobre a vida depois da morte que eu ou você.”

Edgar Allan Poe

1.

Quando se foram as últimas pétalas levadas pelo vento do outono de meu pequeno vaso de tulipas à soleira da janela, percebi que pouco ou mais nada me sobraria dentro de poucos dias. Deitado, pude observar, mesmo com a mente embotada pela quimioterapia, a realidade das grandes coisas da vida em eventos tão aparentemente insignificantes. Flores que se vão. Homens que lutam em vão.

Despi-me do que sei, mas agora não mais. Terrível olhar ao redor como se cada objeto ou vida apresentasse apenas sua forma concreta, vulgar. Como se tudo se restringisse em somente existir. Cego não podendo ver a vida que deles emana em cores caleidoscópicas. Surdo sem ouvir seus sussurros lamuriosos, doces ou amargos. Inconsciente sem ter o poder mortal de replicar e ecoar dentro de mim suas formas invisíveis, suas feições ocultamente apuradas, suas deformações que trazem o belo em ranhuras, rasuras, rugas e rachaduras.

Estar inerte é como dar passos sem que pegadas sejam deixadas para trás, um oceano sem vida, uma vida sem um oceano. Não ter os sentidos exprimidos é a inexistência, é tão somente estar e nada ser. É sentir-me expelido dentro de mim mesmo. Um espectro. Oco. Não há vida neste corpo. A vida, em mim, impregnada com um nauseabundo e amargo aroma de morte.

Agora me vejo preso a uma cama de hospital, tendo um raro tumor no rim esquerdo. Tubos e canos dos mais variados tamanhos e bitolas saem de minha garganta e nariz, braços e abdômen. Levam e trazem muletas aquosas que me prendem à vida. Enfermeiras me carregam ao banho, trocam minhas fraldas. Médicos tentam prolongar a ânsia pela vida com frases bem elaboradas. Tentam despertar em mim um caminho entre altas escarpas que me leve a um lugar manso onde apertaria a mão do otimismo, de um nulo milagre que sabemos não existir.

Estou agarrado à beira de um abismo, meus pés dançam ao sabor de um vento impetuoso, a terra arenosa começ a se desfazer entre meus dedos, vou cair, sei disso. Mas cairei de pé.

Tenho esperado pela morte. Vadia ingrata que poupa velhos moribundos e carrega vinte e três crianças prensadas entre ferragens de um

ônibus escolar. Meninos e meninas que riam e puxavam os cabelos uns dos outros enquanto o único sobrevivente cochilava ao volante. Uma delas era filha de uma enfermeira desse hospital. O motorista foi linchado assim que os transeuntes se aperceberam do ocorrido. Aqueles que passavam pelo local viram aquele amontoado de ferragens. Diesel misturado com sangue, pedaços de nucas loirinhas aqui e ali. Um menino chorando, pedindo por seu braço antes de expirar por definitivo. Haviam batido contra um carvalho com raízes que iam até o inferno, sequer deixou-se cair um galho. O pequeno ônibus, feito uma sanfona, uma verdadeira prensa de carne. Um menino ruivo foi achado no colo do motorista, pelo menos parte dele, a outra estava no alto do carvalho. Olhava cegamente para um ninho de corvos.

Fácil diante de um cenário desses entender a fúria da turba que amarrou o motorista zozzo e sangrando ao pé do carvalho e o esmurraram até a morte. Eu mesmo o teria feito engolir suas bolas, dissera ainda lúcida a enfermeira, mãe enlutada, antes de ser afastada de suas funções. Assim, a morte fez seu teatrinho. E por tabela havia tocado na sanidade de vários pais e mães e avós e irmãos e irmãs. Nenhum deles seria o mesmo. Espero que não tenham enlouquecido. Afinal, foi uma festança essa da morte com as crianças, e eu, como sempre, não fui convidado.

Ter um tumor dói, bendita seja a morfina. Esperar pela morte que você anseia e que nunca chega trazendo a paz, e sobretudo a ausência da dor dói muito mais. Sim, essa espera é excruciante. Rasga carne, coração e alma, sem pena, sem comiserações. Ademais, diferente de tantos, é assim que vejo as coisas. Nestes dias, jacente em uma cama de hospital, a dor tem fluído em humores como para uma comadre qualquer, dando lugar ao ódio, à amargura. Mas creio eu já carregá-los há um longo tempo.

Estou morrendo, afinal. Não apenas pelo tumor que cresce dentro de mim dia após dia – morro desde o dia em que pus meus pés neste mundo. E não é assim com todos os homens? Sim, mas poucos perdem tempo pensando nisso, esse tipo mórbido de pensamento não combina com homens e mulheres escravos da busca frenética pela felicidade e, por conseguinte, da vida. Felicidade, o santo graal almejado pela humanidade, como diria meu pai. Jamais ignorei o fato de que todos sabem disso, conscientes ou não, que um dia secarão enclausurados dentro de um recipiente de madeira, se tanto. E todos, menos alguns, buscam fugir da morte. Eu sou um desses “alguns”.

Busco a morte, a desejo insanamente, mas ela teima em escapar, escondendo-se onde não posso achá-la, como no fundo de um ônibus escolar.

Quando soube que um raro câncer me jogaria em um leito pelo resto de meus poucos dias, um riso ficou preso em minha garganta.

Porém incontáveis injeções, tubos garganta abaixo, quimioterapia, radioterapia, biópsias, cirurgias, dores atrozes sem fim, insuportáveis, e toda a luta do corpo médico em prolongar minha vida me fizeram desejar ainda mais o abraço da morte. Não tem graça. Tudo é degradante demais, humilhante demais. Ser limpo como um bebê, ser carregado até a banheira, ser lavado por um homem ou mesmo uma mulher são por demais vergonhosos. Mas acho que nada se compara a dor.

Começava em meus rins apodrecidos e se estendia pelo corpo como um fogo, uma queimadura interna que destruía minha razão, sem os opiáceos eu lutaria para me afogar na banheira na primeira oportunidade que tivesse. Os médicos buscavam uma cura que eu jamais pedira. Já não posso pronunciar palavra alguma desde o fatídico dia do garfo em minha garganta. Minha esposa tornou-se minha porta-voz mesmo sem minha anuência. Então, o que dizer? Cheguei à desumanização total, não possuo o direito básico de ir e vir, de falar, sou um pedaço de carne sobre lençóis brancos. Não possuo o direito da vida, também não posso clamar pela morte. Vivo em um limbo. Um purgatório que cheira a iodo e onde tudo é branco e quieto.

Vejo meu médico em pé diante de mim. Ele me pergunta como estou me sentindo, olhos fixos nos meus. Conveniências e nada mais. Sabemos que não posso responder e se o fizesse minha resposta não seria agradável, como o é seu tom de voz. Na verdade, há dois tipos de médicos. Os que falam sem olhar nos olhos e os que olham mas nada dizem. Infelizmente, o meu fazia parte da deplorável segunda classe.

Não são homens que admiro. Os médicos. Eles se interpõem entre o homem e sua natureza. Tentam negar a morte para em seu lugar agraciar seus pacientes com dias e dias de desconforto, choro e dor. São peças que foram deliberadamente postas no lugar da morte. Eles impedem que ela force a porta para o natural de cada ser vivo, morrer. Certo que aliviam dores. Mas só para isso servem. Pois se alguém tem de morrer, eles

precisam desobstruir a passagem, e digo mais, tomar pela mão e levar-nos até o outro lado. Por deus, a única certeza da vida é a morte. Preciso ter o caminho aberto, livre desses empecilhos humanos, se opto por morrer, eu fiz tal escolha e como indivíduo que tem a decisão da vida e da morte nas mãos, posso escolher. Não posso? Pela perspectiva de minha esposa, não. Pois ela sempre me faz lembrar de um ingrediente, na verdade um ente, em meio ao dicotomismo vida e morte, o amor. Ouço como torrente e vagalhão de ondas tal ideia vindo dela durante anos, e por momentos que já vão tornando o tempo em espaço começo quase a acreditar no amor. Quase.

O dia começa a empalidecer. O crepúsculo sempre me carregou de sentimentos ambíguos. Se por um lado o fim do dia assinalava que eu voltaria ao esconderijo de minha alma, em minha cama ou poltrona, onde não precisaria suportar olhares afiados, pontiagudos como punhais, por outro via a noite como reflexo do pior de mim mesmo. Escuro e temível por todos. Temível para ela. Tonteando diante de portas que se fechavam sozinhas, me impedindo de esquentar meu corpo contra o dela. No declínio do sol e na ascensão da noite, a vida cega apalpava pelos cantos da casa qualquer resto de humanidade. Isso, quanta humanidade se perdeu por aquela casa semivazia e doente.

O vai e vem de pessoas de branco diminuía, o silêncio aumentava. Passos eram dados como se na ponta dos dedos. Portas se fechavam com respeitoso cuidado, havia quase mortos em seus quartos. As flores em minha janela, caídas no piso branco, se mostravam na quase escuridão como pequenos olhos sem vida. Brotavam do chão e fitavam o teto. Olhei para o teto mas só vi reboco branco. Apenas eu estava vivo naquele quarto, as tulipas trazidas por minha mulher se foram em poucos dias, e nesta noite fui honrado com o funeral delas. Agora só um vaso de terra seca e galhos mais secos ainda. Estava acomodado no esconderijo de mim mesmo, não havia olhos, ouvidos ou boca alguma que pudessem quebrar minha paz. Mas não me sentia em paz, nunca senti tal ficção. Nos anos vividos, apenas assisti minha existência, e a essência se amontoava sobre mim feito roupa suja em lavanderia. Tudo continuava como dantes na absurda engrenagem da vida.

2.

O amanhecer me lembrou que aquele dia era destinado a visitas. Não ligava mais para datas. Pouco me importava saber ou guardá-las, mas pensei que visitas seriam nas quintas, eu tinha certeza de que estávamos em uma terça-feira, enfim, minha esposa estava lá e de qualquer modo isso parecia ser bom.

Ela sempre me passou a impressão de ser muito mais forte do que eu. Desde quando ela pôs a aliança em meu dedo há mais de quarenta anos diante daquele altar, naquela capela simples mas sincera, eu soube de imediato que independentemente de como havíamos levado nosso curto namoro a partir daquela data tudo seria muito diferente.

Mas não como esperava.

Começando por sua absurda e irritante subserviência. Qualquer pessoa, especialmente eu, poderia tirar o que desejasse de minha mulher, ela não dava valor para nada. Um pedido embalado em um sorriso qualquer era sua fraqueza, e minha loucura. Todos tiravam proveito deste defeito que ela carregava como se fosse uma virtude. Eu tinha pena e ódio por ela ser tão ingênua, uma ingenuidade que beirava à estupidez completa e irrestrita. Perdi as contas de quantas vezes sentado em minha poltrona favorita, bebericando meu uísque e lendo algum de meus livros, eu via um estranho entrando pela porta e devorando um prato de comida, a minha comida. Ou então enquanto passeávamos pela rua juntos, diante de qualquer pedido, vindo da pessoa mais improvável e sacana que eu já previamente conhecia, ela atendia ao apelo tirando o casaco e dando para um coitado que dizia estar com frio, ou abrindo um segundo guarda-chuvas para acolher alguém de se molhar, ou parando para ouvir as insanidades de um qualquer. Insanidades que ela costumava chamar de dores da alma. Ela sempre fora uma boa mulher, péssima com definições. Sua obsessão em parecer boa todos os dias do ano me cansava. Os anos passaram e ao seu lado eu aceitei a ideia de que ela jamais deixaria de ser quem sempre fora, amante daqueles a quem eu aprendi a desprezar.

Agora, ali sentada, olhando-me com ternura como se eu houvera sido o melhor marido deste mundo, confinado naqueles olhos de um esmaecido azul, eu me sentia tão bestial como no dia em que ela se atirou

sobre mim e arrancou de minhas mãos aquele garfo sujo de molho vermelho de tomate. Aquele ato, infelizmente tão tardio, me fez voltar a lhe dar valor como quando estávamos trocando cartinhas estando noivos. Largue o garfo, meu anjo, ela dissera, sempre me chamava de anjo, mas, no fundo, sempre me senti o mais amaldiçoado dos demônios.

Eu esquecia de seus defeitos criados por mim, invisíveis aos outros, pois eu os havia criado e plantado em meu coração para julgar minha esposa em momentos como aquele.

Um pouco sentado, reclinado em minha cama, olhava para o vazio, tendo as narinas cheias do aroma delicioso do macarrão caseiro feito com molho de tomates maduros. Ela estava cantarolando alguma música que jamais decifrei enquanto despejava o creme artesanal em uma massa absurdamente caseira, obra das mãos daquela que não havia se amuado nem sequer por um segundo após saber de minha doença. Nós já convivíamos com o resultado positivo de meu câncer maligno há duas semanas. Ainda tentava entender todo esse torvelinho que se abatia sobre mim. Minha resposta sempre fora o silêncio, nunca chorei por saber que estava doente. Eu ouvia às vezes seu choramingo pelos cantos da casa, sempre escondida. Nunca chorava em minha frente, por outros motivos sim, não pela minha doença. Seu cantarolar foi ficando mais alto na medida em que se aproximava de nosso quarto com uma bandeja. Sempre tão cuidadosa em seus afazeres principalmente para mim, trazia um prato com macarrão coberto pelo molho de tomate mais vermelho que já vira, talheres reluzindo e um sorriso sem dor no rosto. O cheiro era inebriante.

“Massa caseira, tomates frescos, pouco sal, como você sempre gostou, meu anjo”, disse-me enquanto punha a bandeja em meu colo.

“Você não vai comer?”, perguntei.

“Não, minha alegria em ver um pequeno pedaço de sorriso em seu rosto sacia-me a alma e isto é mais do que suficiente para mim”, disse e deu-me um beijo no rosto. Não pude suportar.

Durante todo nosso casamento eu sempre a tratei com um desdém dos infernos. Jamais disse muitas palavras que lhe agradassem ou a elogiasses, mas ela estapeava-me sempre que me tratava com ternura, como se pudesse ver dentro de mim uma beleza que nem eu conhecia. Eu queria lhe grudar o pescoço e forçá-la a me tratar mal, que me dissesse que era bruto, arrogante, pérfido, mau... Mas como faria tal coisa com a pessoa

que não se abalara com a notícia que seu marido estava morrendo? Tirar forças de onde para esbofetear a mulher que via a beleza até em uma tempestade, ou podia ouvir música em meio a trovões? De repente, percebi que em todos esses anos ela jamais me ofendera, nunca me dissera uma única palavra que me magoasse, ou que me fizesse chorar. Uma maldição dentro de mim e a benção sentada aos pés da cama.

Enlouqueci. Tomei o garfo, enrolei uma porção de massa e aproximei da boca. Fiz o trajeto inverso, pus o macarrão de volta no prato. Olhei para o garfo coberto pelo mais delicioso molho de tomate deste mundo e num impulso seco e certo acertei minha garganta. Retirei o garfo e desferi mais duas estocadas certas, quando daria a seguinte ela já estava esparramando comida por nossa cama e segurando firme com suas duas mãos fortes a mão de um velho doente. Com a jugular perfurada enquanto molho de tomate humano escorria pelo meu pescoço e peito, ainda pude ouvir, enquanto lentamente desmaiava, seus gritos:

“Largue o garfo, meu anjo... largue o garfo, meu anjo”.

Acordei nesta cama. E tirando uma e outra remoção e mudança de quarto, esse hospital tem sido meu lar desde então.

E ali estava ela, sempre tão bem-vestida, simples e bem cuidada. Usando seu conjunto de saia e casaco cor de vinho, com um coque amarrando os cabelos, seus óculos redondos e de hastes largas. Alguma maquiagem talvez, não conseguia identificar, sem brincos ou qualquer joia senão a aliança de casamento em seu dedo. Estava me olhando com alegria, só ela tinha esse sentimento em um momento como este.

“Olá, meu anjo, me desculpe por não cuidar de suas flores. Os dias têm passado rápido, tenho perdido a noção do tempo com facilidade”. Pobre mulher, eu a amava, ainda que no fundo a rejeitasse. Sentia por ela um carinho que só podia ser resumido pela palavra *amor*. Um amor que nascia da rejeição. Isso existia? Dentro de mim sim.

Se bem que velhos não amam, eu não conseguia acreditar em tal sentimento. Isso era devaneios de jovens enamorados. Quando se tem mais de oitenta anos, com dentaduras mergulhadas em copos d'água à beira da cama, lençóis trocados pelas manhãs vertendo mijo e uma mente vaga que sequer sabe o dia da semana, envolta em uma penumbra de pensamentos passados e dolorosos, convenhamos, é bem difícil de encontrar lugar para o

amor. Há mais de uma década não tinha coragem de tocar minha boca com a sua. Sei que ela nunca mereceu tal desprezo, mesmo que a palavra desprezo não signifique realmente meu sentimento por ela. Era mais um misto de nojo, pesar, tristeza e dor. Nojo dela? Talvez. Certamente pesar por eu não ser mais jovem. Tristeza em ver a cada dia nossos corpos se definhando enquanto o tempo vinha passando sobre nós como uma locomotiva desgovernada, arrebatando tudo, deixando para trás um par de velhos, de peles flácidas e memória desconexas. O tempo é uma praga!

E agora a dor. Lembro de como ela havia recebido a notícia de que eu estava com um tumor ainda pequeno como um grão de café: com um olhar meigo e de esperança. No meu caso já via o pavor presente e um futuro de dor. Não mais que dois meses, talvez menos, e era o fim. Eu nunca tive medo da morte, mas também jamais fui inimigo da vida. E durante meus pensamentos, vagando longe daquele quarto fedendo a iodo, lembrei-me de minha juventude.

Eu não era tão bonito, mas era muito forte e sábio. Pelo menos eram o que diziam de mim. Era um corredor de curtas distâncias e um amante do saber. Mais veloz que minhas pernas era minha mente. Formando suas conexões e aplainando terrenos que outros viam pedregosos com abençoada facilidade. Costumava contornar com os dedos as nuvens brancas que passavam pelo céu como se desses fractais pudesse extrair novas ideias e frutíferos pensamentos. Quis erguer meu braço para contornar as deformações do reboco no teto, mas estava em outro corpo, em outra vida, em um longínquo e pavoroso velho mundo. Num recipiente tendo uma metástase se espalhando como uma gota de corante em uma bacia de água, formando com voracidade uma imensa mancha da cor negra do nada. Quanta saudade dos dias que não voltam mais.

Larguei meu braço cansado sobre a cama, virei meu rosto e diante da face enrugada de minha esposa que eu aprendera a suportar fechei meus olhos. Ouvi passos e o bater leve da porta. Ela havia saído brava e decepcionada comigo? Não, sempre tão irritantemente ingênua deve ter pensado que eu adormecera. Pobre mulher, sempre tão ignorante em compreender os cacos de desprezo que eu lhe atirava no colo. Pobre de nós.

3.

Código morse.

As persianas de minha janela estavam cerradas. Um bocado de luz se espremia entre elas jogando no chão uma claridade acinzentada. Minha refeição havia sido deixada ao lado de meu leito, mas não havia nenhuma enfermeira para dar a mim. Uma papa sem gosto e um potinho de gelatina ainda mais insípido.

Um som como goteira de uma torneira mal fechada quebrava a natureza costumeira de todas as manhãs e tardes. Por que haviam deixado meu quarto na penumbra? O silêncio era demasiado para tal hora. Contando que tal hora era alguma coisa fora da madrugada. Será que estava vendo a luz de uma bela lua cheia? Mas e a comida ao meu lado? E esse insuportável e repetitivo som que mais se assemelhava, agora acordado o discernia melhor, com pedrinhas sendo atiradas contra os vidros de minha janela? As batidas seguiam uma sequência quase matemática, haviam pausas reguladas. Pareciam código morse. Eu havia aprendido nos meus dias de exército, e esse tipo de coisa é uma das que soldado algum jamais esquece.

Olhei para janela tentando imaginar um homem pendurado no quarto andar de um velho hospital com uma das mãos segurando uma corda rota, prestes a rebentar, tentando me passar uma mensagem de suma importância para minha salvação nessa guerra de lampiões contra lamparinas. Esbocei uma gargalhada que poderia destruir o resto de minha garganta arrebetada. Senti dor e uma violenta onda de tosses vindo. Não, por favor, não tussa, seu velho imbecil. A dor não me permitia tal luxo. Gargalhar? Nem pensar. E novamente lutei para me controlar e não chorar de rir e de dor, e ver escorrer pelo tubo preso em minha garganta sangue e pus. Céus, isso não tinha graça.

Fechei meus olhos e controlei os espasmos de riso. Desde quando não sentia isso?

Na janela, o “*pec, pec, pec* ” continuava numa cadência de enlouquecer. Foi ficando mais alto. Seu ritmo alternando entre algo Morse para algo sem sentido nenhum. Então uma folha vertical da persiana

começou a se mover ao som de cada batida. Indo e vindo como se algo estivesse dando pequenos piparotes ao som dos toques. Chega dessa babaquice, quando ia apertar o botão chamando uma das enfermeiras a porta se abriu violentamente e um *bom dia* quase perfurou meus tímpanos. A enfermeira atravessou o quarto, contornou minha cama. Dividiu as cortinas levando para esquerda e para direita várias folhas da persiana e gritou, fazendo-me tremer, pois vi o que ela também havia visto e se apavorado, um pássaro estava preso ao vidro. Seu bico havia atravessado a janela. Seu corpo do lado de fora se debatia jogando penas negras ao léu.

“Oh, que horror. Pobre bichinho, vou chamar alguém para tirá-lo daqui antes que ele morra, já volto”, disse a enfermeira saindo do quarto. Deteve-se por um instante na porta e olhou para mim. Não exatamente para minha cama, mas para algo atrás ou mais acuradamente no lado esquerdo de mim. Em minha cabeceira, sobre meu criado-mudo.

“Maçãs! Lindas maçãs e muito cheirosas”, disse-me sorridente. Olhei para meu lado esquerdo, e onde antes havia apenas o nada agora estavam bem depositadas sobre uma bandeja de alumínio três lustrosas e perfumadas maçãs. Elas me fitavam em seu encarnado traje de gala. O cheiro delas valia por um pomar inteiro, incrível. Todo o quarto parecia tomado pelo aroma delas. Bom não ter mais flores, assim o cheiro delas não teria com quem competir.

Quem teria trazido? Houvera um momento que eu perdera os sentidos e minha esposa ou uma alma qualquer, tendo os passos abafados pelo som tiquetaqueante do pássaro na janela, depositara as frutas ao meu lado?

Deveras há coisas que um velho como eu acredita, nos quais jovens acham loucura, como também há eventos da natureza juvenil que jamais serão assimiladas por velhos como eu.

O pássaro ainda mantinha seu bico em meus aposentos, de repente livrou-se e alçou voo. As ideias estavam embaralhadas em minha cabeça, nada parecia fazer sentido. Dia ou noite, agora sabia ser alguma hora da manhã. Um furo na janela feito pelo bico de um pássaro qualquer. Maçãs em um lugar que não deveriam estar. Comida fria. Gargalhadas histéricas sufocadas. Sons dolorosos. Enfermeira mal-educada.

Por um momento eu acreditei em milagres, e por dois que alguém me observara antes que a cortina houvesse sido escancarada, mostrando uma manhã com sol pálido, um pássaro preto, três maçãs e nada mais. Mas fora só por um segundo.

Adormeci com gosto de sangue na boca.

4.

Eu soube daquela história. Se espalhara pelo “boca a boca” por cada quarto desse hospital. Pela lógica, uma notícia dessas não ficaria restrita a um boletim médico em uma prancheta. Jamais. A história de um homem que praticamente da noite para o dia havia sido simples e ordinariamente limpo de suas pústulas. Não sabia exatamente os detalhes. E a bem da verdade pouco me interessavam. Num dia um doente coberto pela lepra no outro a sétima maravilha do quarto cento e sete.

Ainda tinha dúvidas quanto a veracidade do acontecido. De uma boca para um ouvido e outro e outro, qualquer mentira vira meia verdade, e verdades despencam para a nulidade da mais vil mentira. É do homem tal feitio. Mente-se para viver, sempre. A verdade será sempre o risível e costumeiro prelúdio do hipócrita.

Logo ele receberia alta. O quão feliz deveria estar. Já senti isso uma vez. Quando jovem. Lá ia eu, com minhas muletas e uma perna engessada. Doce culpa de um livro que jamais teria em minhas mãos novamente. Jovens, depois de um tempo, entrar e sair de um hospital se torna da natureza de um idoso, já não faz mais diferença.

Eu andava pela calçada fascinado, obcecado, apaixonado por aquele livro de capa dura e marrom. Na verdade, eu o havia achado caído perto de uma moita. Estava de uma forma que parecia ser uma pedra e o deixaria em seu lugar se minha curiosidade não fosse maior. Peguei-o e logo percebi que se tratava da metade de um livro, a parte final dele. Assim não havia capa propriamente dita, mas apenas sua contracapa e lombada com letras que um dia foram douradas. A letra M se destacava e nada mais. Parecia ser um livro grosso. De pronto tentei achar a parte faltante entre o

arbusto e redondezas, mas nada achei. Continuei a andar e passei algumas páginas até chegar ao capítulo intitulado “Redentor”. Li as primeiras linhas e parei. Um casal que vinha logo atrás de mim teve que se desviar de minha repentina mudança de velocidade. Resmungaram alguma coisa mas não pude ouvir. Eu não queria. Eu fui tragado por aquelas linhas cunhadas em forma negra.

“‘Não matarás’, talvez o dito mais desprezado pela humanidade desde seu alvorecer até certamente sua consumação. Olhai os campos salpicados de sangue, inocente ou não. A culpa por matar recai apenas sobre quem puxa o gatilho, empunha o punhal, atira a pedra? Cada inocente morto ou cada culpado morto deu asas à sua alma independente de quem lhe mostrou o caminho do desfiladeiro. A morte existe, não importa quem a faça acontecer, pagará pela culpa do sangue derramado o culpado, e nada mais. A culpa é pesada? Deveras. Mas o que mais poderia se extrair do culpado senão o seu próprio sangue? Tira-se uma vida e o solapador de tal vida perde a sua também. Uma morte limpa por uma morte limpa? Não consideraremos a tortura, desprezível. Tortura maior é a vida em toda sua complexidade e doença. A razão que cristaliza a...”

“Ei, moço, tem um trocado?”, fui tirado do laço que me deixava enroscar por um menino pedindo dinheiro. Não entendi o que era, onde estava, fui arrebatado de um sonho por um puxão em minha camisa e um pedido catarrento.

“O quê? Não... hum... espere, pegue aqui”, dei-lhe duas moedas sem saber seus valores e ele se foi. Um garoto passou por mim feito uma onda, tão rápido quanto seu pedido. Olhei ao meu redor procurando um lugar para me sentar. Avistei um banco em um Café e fui até lá, continuei a ler de um ponto mais à frente de onde parara.

“Pessoas perambulando como zumbis, almas medíocres, cheias de um vazio lastimável e repugnante. Dentes à mostra em toda sua falsidade. Clubes apinhados de doentes. Bêbados, drogados, prostitutas, gays e lésbicas. Nas calçadas ao relento a escória rebaixada ao nada por uma lei invisível, mas extremamente palpável. Bordéis espumando loucura, fornicação, adultério e desprezo sexual. Praias com suas úlceras bronzeadas expondo suas belezas finitas e calcificadas de tédio e ócio, mares poluídos por estrumes motorizados. Cidades queimando seus cigarros e defuntos.

Fedendo a interior de vermes expostos. Crianças correndo de um lado para o outro buscando o sonho perdido de seus pais, perdidas em velas e livros e lousas descascadas de ignorância. Professores emburrecidos sapateando como moleques sobre as moedas de seus salários. Policiais calibrando suas pistolas enferrujadas. Domésticas, lixeiros, vendedores, doentes terminais, comparando suas vidas estúpidas à de advogados, empresários, juizes, engenheiros, políticos; saçaricando suas ideias por baixo das barbas da sociedade senil. Amontoado de seres se acotovelando diante da TV, certos de que sua exímia sabedoria e pedantice pode modificar o status quo mundial. Sociedade chafurdando o lixo dos pais, e os pais o de seus pais e avós, numa sucessão de fracassos e perdas e derrotas. Gente repugnante...”

“Bom dia, o que deseja?”

“Hã, como?”, novamente fui puxado do deleite intelectual para uma dimensão concretada e sem vida. Como leria em paz, se não há paz? Infernos.

“Senhor, gostaria de beber um café ou...”

“Nada, pelos deuses, eu estou aqui, sentado, debruçado sobre esta metade maravilhosa de cogitações, tentando vislumbrar algo que talvez tenha... tenha... tenha passado despercebido por toda minha ainda curta existência. Estou tendo visões que achei serem apenas miragens de um jovem tolo e tudo que peço é um pouco de paz. Mas então você vem e quebra minha concentração com uma coisa vulgar como, como uma xícara de seu café amargo e ralo!”, saiu como uma onda, palavras terrivelmente grosseiras.

“Perdão, senhor, mas se quer a mesa terá de consumir algo”, disse-me a moça com seu avental creme e rosto pálido. Eu a empalidecera assim? Levantei-me e fui lendo enquanto andava. Ainda estava longe de casa. Não suportaria esperar chegar em meu quarto e só então o ler. Com passos curtos fui lendo, e com longos descendo ao abismo do meio livro de capa marrom.

“Mas olhem por detrás daquela moita esquecida pelo homem, ressecada pelo tempo. Observem como se move candidamente mesmo suas companheiras estando estáticas. De longe um brilho como de estrela tardia concede um vislumbre do redentor. O brilho que ninguém percebe espoca e treveja, adiante um corpo tomba, e depois outro e outro. Gritos, correria, os

dias mudam. Pela lente do fuzil camuflado pela moita um olho espreita com dor a lástima humana. Uma dor necessária.

Quem mata pouco tem a explicar. Quem morre já não fala. Cada vida é um soluço de prazer e pesar. Cada gota de sangue uma ode ao acaso, ao ocaso do homem. Homem que jamais foi considerado digno de pisar a relva, a terra, o lodo. Mas e os amigos e familiares dos que se foram, libertos da ojeriza da vida? A dor é quantificada mas não exponencial. É doada em doses certas sobre cada homem, vivo ou morto. Não se chora pelo indivíduo em si que já não é. Não há lástimas pelo que partiu, mas pelo vazio que tal deixou ou deixará. É o vazio que machuca, que enluta, não a falta do outrem. Até na morte os vivos esgaçam seu egoísmo. Os que se foram dormem em paz, ou gritam em terror. Mas seria diferente se mortos pela falta de ar nos pulmões, ou pelo negar do coração em bater? Se atropelados ou afogados a dor seria atenuada? A morte vem como o vento, de repente e sem avisar, não pede licença nem dá adeus. Os corpos são contados e empilhados. Numerados, já não passam de estatísticas e de lugares ocupados em jazigos. Foram dois, três, poderiam ser dezenas. O ‘redentor’ é o culpado, e a ele só resta a justiça, sem sentimentalismos. Regra sobre regra, lei sobre lei.

Quem segurou a arma? Quem empunhou o sabre? Um rejeitado. Juiz de si mesmo. Olhos cansados do cansaço. Vistas cheias de nojo de uma sociedade singular em suas escolhas, pluralista em suas abominações. Libertador dos doentes do câncer da vida. Deu-os o frescor da liberdade tardia. Pois um dia tal homem, cheio de temores, foi expulso da roda dos sábios. Frustrado, foi derrotado por sua abertura pacífica aos homens de alma belicista. A dor lhe mostrou que se dar a outrem é permitir o terror na alma. Mas calaram os roedores de dinheiro e migalhas, alguns grasnam, mas já não passam de ambulantes cheios de si. Agora apavorados e conscientes da existência efêmera, aguardando a justiça manietada pela falha humana, ou gorgolejando aforismos nos dias que seguem, vivem o terror que”...

E o redentor criara asas, pois o vi voando de minhas mãos. O mundo rodeou e vi o céu azul com nuvens brancas como a pele da atendente que tratei tão mal. Senti a pancada nas costas e uma dor abominável em minha perna esquerda. Fechei os olhos e quando abri estava deitado na calçada. Pessoas começaram a rodear-me, de um carro parado um senhor

saiu gesticulando e gritando impropérios. Que eu estava maluco. Sim, senhor, estava cada vez mais e mais, e isso era doce como o mel. Ergui a cabeça para ver minha perna que doía, e uma ponta de osso saía de minha calça como uma estaca afiada apontada contra mim. Então entendi e desmaiei. Fora atropelado.

5.

Durante os anos de minha juventude debruçado sobre livros e aos pés de meu pai ouvindo suas divagações sobre a vida, o ser humano, o mundo, a morte, etc., eu sempre me perguntava entre um e outro pensamento o que haveria escondido tão profundo em mim mesmo que jamais pude entender. A experiência com o fantástico livro que havia lido apenas algumas frases fincou em meu peito ainda mais fundo a incerteza do ser. Jamais reencontrei o livro. Fiz uma pequena procura por bibliotecas e livrarias da cidade, mas sem autor nem mesmo título do mesmo foi impossível encontrá-lo. Aquelas palavras amordaçaram minhas mais tenras divagações, e assim fui levando-as pela vida afora.

Pois eu não tive jamais uma predileção apaixonada pela vida, não podia senti-la viva dentro de mim, e isso por mais absurdo que parecesse era o sentimento que me definia. Ainda tão pequeno como um filete de água em uma nascente logo se abriria para o oceano como um gigantesco rio. Assim, quando fui atropelado e tive minha perna quebrada, vendo o pavor de meus pais não entendi. Não entendi por que amavam tanto o fato de poderem respirar, de simples e ordinariamente poderem falar, comer e morrer. Quando tive alta, como o meu ex-companheiro de quarto agora curado, saí em direção à minha casa de cabeça baixa. Mente fixa nas palavras do “redentor”. Eu tinha prazer no conhecimento, mas desprezava a vida que tentava entender. A dificuldade de pôr a existência do ser humano em uma caixa com um cadeado e assim poder abri-la quando desejasse para observá-la, como se observa algo raro em uma gaiola, deixava-me profundamente desapontado. Eu queria entender o fato da existência, da

vida e o porquê da morte. Eu e todos os pensadores da humanidade, como dizia meu pai.

Certa feita, um dos meus professores havia me dito que o segredo da vida é que ela não possui segredo algum. Jamais aceitara tal definição. E, por mais livros que lesse de grandes filósofos e pensadores, mais perdido e sem respostas ficava. Andando do hospital para casa disperso em divagações esbarrei com muleta e tudo em um casal que parecia apaixonado, percebi alianças na mão de casados. Casar é morrer para si mesmo, talvez por isso a noiva entra com flores nas mãos, na verdade o casamento é um funeral sem caixão. Quando fecham a tampa e atiram a primeira pá de areia é substancialmente em outra dimensão o mesmo efeito da aliança, amarrando seu dedo e o beijo selando a vida.

A noite caía, o efeito de meus anestésicos me faziam indagar o improvável, era o que estava fazendo, perguntando à vida o que era a morte, afinal. Estava tudo errado, deveria perguntar para a morte o que a vida tinha assim de tão especial. Nessa caixa escura e inabitada que chamavam de quarto hospitalar, eu me sentia como uma mosca envenenada, batendo asas freneticamente, buscando um último fiapo de vida.

A morte só existe porque a vida lhe dá fôlego. Todos me olhavam com cara de aparvalhados quando desferia esse aforismo. Então a vida não havia roubado meus amigos? Não havia ela afastado de mim meus sonhos, transmutando-os em devaneios, jamais realizados? Fora a vida tão louvada que algemara uma bela mulher como a minha esposa a um homem mau, rabugento e indecifrável. A vida é má, e não me ressinto em dizer que a morte me parece muito mais aprazível.

Na verdade, vida e morte são um casal apaixonado que de mãos dadas caminham pelos milênios parindo os homens e os enforcando com o próprio cordão umbilical. Se a vida desfere um tapa, a morte sopra nos ouvidos com todo amor, para que eu “não tema”, pois logo virá me buscar e então a dor cessará. A humanidade é fruto desse amor indivorciável, e nele todos estão fadados a passar a existência, por pouco nas mãos de um, eternamente nos braços de outro. Este lascivo amor não me pede entendimento, nem aceitação.

Nesse instante percebo que toda a pujança do conhecimento do homem, tudo o que foi dito ou escrito em todos os lugares do mundo real ou abstrato, cada descoberta e intento humano, perde o sentido, é desnudo de qualquer razão, busca ou resultado quando sou acordado. E desperto vejo com os olhos remelados de quem viveu uma vida de sonhos e devaneios, com ossos e músculos enrijecidos de quem nunca andou pela realidade, a verdade.

A verdade de que eu e toda a infestação parasita que se apelidou por homem está irremediavelmente fadada ao ocaso e não há nada que ninguém possa fazer para mudar.

A verdade simploriamente estúpida de que nascemos para morrer. Mas já não cabem em mim tantas dúvidas por mais que pareçam simples. Tento ficar um pouco mais de tempo acordado, mas os medicamentos fazem sua tarefa e caio no sono por fim.

6.

Nunca fui um grande apreciador de frutas. Maçãs sempre me davam azia. Por isso, por mais absurdo que possa parecer, eu gostei de ter ganhado aquelas maçãs. Quebravam a monocromia do quarto. Davam um cheiro de vigor em meio a morte. Mas estavam elas ali, e eu aqui, e isso não mudaria nada na relação entre nós.

Olhei para elas, pude ver pela luz que atravessava as persianas que continuavam vermelhas e sadias. Mas havia algo de diferente nelas. Não em todas, mas uma em particular acabou me chamando a atenção, não eram três maçãs, mas duas e meio. Sim, alguém furtara uma metade de uma das minhas maçãs. Havia sido dividida ao meio perfeitamente. Inclinei minha cabeça o mais que pude e observei que até mesmo as sementes estavam intactas, não havia sinal de que houvessem sido reladas pela faca. Mas quem fora o bastardo que mexera em minhas coisas? Alguma visita enquanto dormia, uma enfermeira? Quando o sol surgisse exigiria ex-

plicações, eram minhas maçãs, apesar de terem vindo sabe-se lá de onde e pelas mãos de quem, me pertenciam e somente eu poderia comer delas. Ao menos essa era a intenção. Daria uma perna para poder saborear a metade roubada.

7.

Quão burro eu era. Acho que o câncer já estava atacando meus neurônios.

Em todos esses dias de silêncio, nem por um momento eu havia me dado conta de que poderia me comunicar com os outros usando papel e caneta. Velho burro! Mas como meu médico não havia me dado essa sugestão? Por que ele nunca dissera que poderia me comunicar com ele, com as enfermeiras, com as visitas, até com a praga de minha esposa usando um pedaço de papel e um toco de lápis?

As manhãs eram uma benção. Cada amanhecer me trazia a chegada de uma bela enfermeira com seu estojo “anti-dor”. E sempre com o mesmo sorriso, que eu não podia corresponder adequadamente, vinha ela com uma ampola de morfina e uma seringa na embalagem para aplicar nos canos conectados em mim, naqueles tubos que pareciam tentáculos sem vida saindo de meus braços, garganta, nariz, boca. Sempre pelas manhãs a dor se tornava mais forte. Sem o anestésico, próximo ao meio-dia, eu espumava pela boca e sujava minhas fraldas em um estado quase sobrenatural de dor. Ela me cumprimentou e aplicou uma das doses diárias, ia se retirando do quarto para continuar sua ronda pelos outros quartos, dos outros moribundos, quando me lembrei da caneta e papel. Bati com meu braço sem mangueiras na lateral de ferro do leito, ela se voltou com olhar arregalado. Fiz um gesto circular no ar, como se escrevesse em uma lousa invisível.

“O que o senhor deseja?”, me perguntou ela, e ficou em silêncio olhando-me para tentar entender o que era aquela encenação. Fiz novamente o gesto de escrever no ar. “Ah, o senhor deseja pintar”, disse-

me, sim, isso mesmo, pintar essa sua cara rechonchuda de porca. Neguei com a cabeça e apontei para sua prancheta com caneta afixada. Parou por um momento, pensou, e num belo sorriso (talvez a única coisa que me permiti admirar no ser humano, a capacidade de mostrar dentes e desarmar o mais furioso dos ditadores), como já estava acostumado a apreciar, respondera-me: o senhor quer algo para escrever, isso? Isso mesmo, meu bem, traga-me um alçaço de cem folhas de papel e uma dúzia de canetas, como gostaria de ter dito isto.

“Que bom que o senhor deseja fazer algum trabalho manual, mas infelizmente não podemos lhe dar qualquer tipo de objeto perfurante, dado seu histórico, mas posso lhe trazer papel e um giz de cera, pode ser?”, é claro que sim. A bem da verdade, uma caneta seria uma tentação imensa. Faria-me voltar alguns anos no tempo. Sentir-me-ia em minha cama, em minha casa, olhando de novo para aquele garfo sujo de molho de tomate... Assenti com a cabeça, ela se retirou me fazendo promessas de voltar logo com meu pedido, mulher amável.

Quanto tempo tenho de vida, essa foi minha primeira frase escrita com giz de cera preta em uma folha branca. Rodeado por duas enfermeiras, mais o imbecil do meu médico, eu escrevi com minha tão apreciada caligrafia a pergunta que estava me consumindo há dias. Quantos meses ainda viverei, a contragosto acrescentei “caro doutor”. Eles se olharam entre si, as enfermeiras se retiraram.

“Sua doença já está em um nível absurdamente adiantado, senhor”, começou o doutor em sua explanação. “Não temos, a equipe de oncologia e eu, como precisar uma data ou mesmo previsão de seu caso, mas como disse, conforme seu grave estado e a adiantada metástase de seu tumor, eu poderia supor não mais que...” Resolveu fazer pausa dramática o infeliz, isso não é uma novela, seu asno, diga-me, mas não tive tempo de escrever essas palavras.

“Diria que o senhor não alcançará o Natal, sinto muito”, maldito, mas já estamos em novembro!

O giz de cera caiu de meus dedos, rolou e nunca mais o usei.

8.

“Olá, meu caro, espero que este dia tenha sido mais aprazível do que os demais. Como seu médico vejo em você particularidades que outros não percebem, ou fingem não notar”. Sentou-se ao pé da cama com seu jaleco branco impecável. Era jovem, mas estranhamente exalava experiência.

Olhou para as mãos. Pensava em algo e na melhor maneira de dizê-lo a mim. Eu me sentia imune a qualquer notícia. Sua esposa morreu. Dolorido, mas não insuportável. Falhamos em nossos cálculos, você morrerá em dois dias. Ótimo. Fui demitido e vim me despedir. Azar o seu. O prédio está em chamas desde o térreo e logo o fogo chegará até esta sala, não há como fugir. Forçaria uma derradeira e dolorida gargalhada. Nada me traria desconforto. Nem mesmo a estúpida ideia de uma improvável cura. Obrigado, doutor, volto para meu lar para terminar o trabalho em minha garganta não com um garfo mas com utensílios mais ‘apropriados’. Eu apenas ouvi, imóvel.

“Sei que se o senhor tivesse o poder me pediria para aplicar uma dose cavalariça de morfina. Sei que o senhor quer morrer. Imagino como deva ser difícil uma vida de dores e quase solidão”, voltou a olhar para as mãos que não seguravam sua prancheta habitual mas um pequeno pedaço de papel. Fitou-me e eu devolvi o olhar.

“Sabe, me considero um bom médico. Luto pela vida de meus pacientes. Considero cada morte uma falha minha, um erro que me acompanhará para o resto da vida. Não quero perder o senhor. Preciso lhe pedir que lute por sua vida. Vejo em seus olhos que você a despreza, por quê? Você tem uma esposa adorável que quer vê-lo vivo. Todos aqui deste hospital que tem um mínimo de contato com o senhor querem o mesmo. Mas nada disso importa se o senhor não se agarrar nem que seja no mais roto e esfacelado pedaço de esperança. Eu quero salvá-lo, permita-me tal, por favor, senhor”, de seus olhos lágrimas escorriam. Eu estava assustado. Minha mente numa avalanche de pensamentos.

Estava errado, contra o amor, ou mesmo sua forma mais branda, eu estava desarmado. Imunidade contra isso? Não esperava esse tiroteio emocional. Contive-me, não era hora de chorar.

Olhei em seus olhos injetados. Não sabia que médicos podiam demonstrar tamanha intimidade com seus pacientes. Sinceramente, não gostei nada do que vi e ouvi. Agradeceria, se pudesse, pelas palavras, mas minha consciência já estava enclausurada dentro de uma ideia que não nascera quando adoeci. Existia, sempre existiu mesmo antes de tomar forma, e isso bastava. Fechei os olhos. Foi minha resposta. Os olhos do homem falam mais que palavras, não era isso?

“Eu entendo. Vou entendendo, aliás. Sou novo, tenho muitos pacientes a enterrar, talvez alguns poucos a salvar. Mas no fim nada disso importa, não é mesmo?”, senti que se afastava de mim, fungando e, com certeza, se recompondo.

“Antes de ir, gostaria de ler um trecho que copiei do livro de cabeceira de minha esposa. Na verdade, não sei o título ou autor. Não me interessa muito pelo gosto literário dela. Mas hoje pela manhã abri displicentemente em uma página qualquer e achei algo que talvez possa lhe trazer algum conforto, algum tipo de esperança... Enfim... Diz assim:

‘Para onde olho, o que ouço, o que vejo e leio, ali ela está, a Vida abrindo espaço entre as portas do meu coração, arrombando as trancas da porta de minha alma até que em definitivo possamos ser formalmente apresentados. Sou bem dito em minha pobreza de espírito, pois sendo pobre sempre me faltará a riqueza interior da Vida que almejarei sempre mais e mais. Feliz porque a Vida, profundidade da riqueza, sempre estará um passo além de mim. E seguirei eternamente em seu encaixe, certo de que sua plenitude, para minha surpresa, quando enfim tomá-la por completo, estará, como sempre esteve, a um passo de mim.’

“É isso. Volto amanhã para alguns exames, boa tarde. Ah, soube que lhe presentearam com algumas maçãs, são muito belas mesmas”. E dizendo-me isso, lembrei de minhas maçãs.

Abri meus olhos e voltei meu rosto para minha cabeceira. Suspirei fundo por ver apenas duas frutas. Eram três, ontem haviam se tornado duas e uma metade e agora alinhadas como um casal restavam uma dupla vermelha e brilhante, como se tivessem acabado de serem colhidas. Olhei para ele com um olhar raivoso, ele não tinha o direito de tomar algo que não lhe pertencia, nem que fosse metade de uma fruta.

“O que foi, senhor, parece aborrecido, está com dor?”, perguntou-me e eu lhe apontei para as maçãs e depois ergui três dedos em

sua direção.

“Três? Como assim, não entendo.”

Agitei meus dedos indicando o número com veemência, mas pela cara estúpida dele percebi que seria em vão. Lembrei-me do giz de cera, mas senti o desgaste vindo antes mesmo de tentar fazê-lo entender o que eu desejava, desisti antes de começar o pedido. Desisti.

Desisti de tantas coisas.

Desisti de tentar fazer qualquer um entender minha vida e apego pela morte.

Desisti há tantos anos de ser levado por qualquer escrito glorificando a vida para um patamar que eu não reconhecia.

Desisti de você, doutor, de minha mulher, da humanidade, de mim.

Desisti de tentar fazê-los se afastarem de mim.

Desisti de lhe mostrar que eu tinha três maçãs e que agora havia somente duas.

Dias depois fiquei sabendo que um paciente com câncer no pulmão havia sido curado. Ele simplesmente foi ao banheiro e vomitou por boca e nariz algo viscoso, preto e gosmento. Aquilo era apavorante e inquietante. Depois do leproso agora ele, cancerígeno como eu, curado, assim, tão simples e tão ordinário.

Enquanto isso a vida se tem agarrado a mim como um naufrago ao seu bote salva-vidas. Paradoxalmente, como um tumor, tem tentando crescer e se espalhar por mim. Buscando mostrar-me o quão valiosa é e o quão desejável deve por mim ser almejada. O texto lido pelo bom doutor não me deixa mentir de que ela tem me perseguido, por muitos anos, infrutiferamente.

Perdão, vida, mas para você minha indiferença, desprezo e rejeição por toda a existência ainda não te convenceram? Tenho anticorpos contra você. Seu poder sobre mim é nulo.

Tola. Escolhi uma existência abdicada de você.

9.

Deixar de ser, no fim, não é tão trágico quanto aparenta. Pois o absurdo em si é a vida, nunca fora a morte. Viver é tentar alçar voo, sempre será. Morrer é tão somente se permitir humildemente ter as asas arrancadas.

E aqui estou eu, apesar da vivisseção, ainda ciscando e bicando. Algumas vezes gralhando, morto mas ainda respirando. Argumentando, divagando, indagando, estranhando. Além do conforto das mentes conformadas com a existência simples e rotineira. Cogitando o imponderável e descartando o equilibrado, o usual.

Os dias de um velho moribundo como eu acabam sendo monótonos aos olhos de qualquer um, menos aos do próprio velho moribundo. Pois diferente daqueles que julgam a existência pela ótica do material e concreto, eu percebo o questionamento em si de uma forma absurdamente subjetiva e blindada contra ataques dogmáticos.

Fui formado assim, na dureza da vida. No desamparo precoce e na angústia que arranca a mais sutil esperança.

Se a lucidez me abandonou, então estou fodido.

Em suma, nunca entendi a relação ou correlação entre fazer e pensar. Talvez de tão lógico tal pensamento tenha me fugido da mente para algum lugar que já não posso achar. Para mim, uma é tão díspar da outra como terra e água.

Enquanto uma é maleável, a outra se apresenta dura, seca e por que não dizer sem vida.

Se na água do pensar a vida abunda em suas formas mais significantes e insignificantes, na terra do concreto percebo a sequeidão. No mundo do pensamento e da ideia, como água, posso mergulhar em abissais questões sem me importar com respostas. Posso apreciar planos uniformes e disformes, bizarras vidas de formas caóticas e incongruentes.

Na terra da realidade, do papel e caneta, pá e barro, tudo se torna tão vulgarmente simples e sem viço. É o que vejo, ali, inerte e nada mais.

Pensar e idealizar é um norte que bússola alguma aponta, escondido a ser descoberto. É um local para se ir e regredir sem mover músculo. No regresso do tempo e do espaço, da vida até a inexistência, o pensar se faz presente como caminho jamais trilhado e ao mesmo tempo repleto de pegadas.

Pensar na terra dos dizeres mudos, o paraíso é logo ali. Um Éden sem espada flamejante.

Mas, e sempre há um ‘mas’, a essência sobrepuja a existência, carregando a danação nas costas e puxa-me para a realidade, este simulacro de vida. E pela dor tenho visto sua face horrenda.

Dor. Eu era administrado com duas doses diárias de morfina. Uma pela manhã e outra ao entardecer. Mesmo assim ela dava as caras constantemente e emergia do mar de drogas a qualquer hora, sendo assim, sim, eu vivia com dor.

Um dia ouvira duas enfermeiras se perguntado qual afinal seria o tamanho de minha dor.

“Eu ouvi falarem que o câncer desse senhor é raríssimo, por isso mesmo sua dor deve ser maior que a dos outros.”

“Sei lá, não sei se pode quantificar a dor. Perguntei ao doutor, por curiosidade, o tamanho ou intensidade da dor que esse câncer raro causa.”

“E o que ele respondeu?”

“Já faz algum tempo que perguntei, mas me lembro do olhar dele frio e meio que reprovador, como se eu não devesse ter feito tal pergunta.”

“Mas ele respondeu, sim ou não?”

“Sim.”

“E o que ele disse, afinal?”

“Bom, ele me olhou nos olhos, largou sua prancheta sobre a cama de um paciente que dormia languidamente e disse: imagine que num estado de fúria alguém tenha martelado seu dedo contra um piso frio, fazendo unha, pele e carne se tornarem uma coisa só, indistinta. Agora tome esta cena, a mesma dor, o mesmo ato sendo feito, contra cada osso, órgão e músculo da altura de seu pescoço até a profundidade de sua pélvis. Imaginou, enfermeira? Ótimo. Multiplique pelos dias, horas, minutos e

segundos que você parcamente respira, até enquanto dorme durante o resto de sua vida, a mesma dor. Achou triste? Você pediria ajuda? Mas não pode, suas cordas vocais foram para o espaço. Quer gritar? Não pode, só haveria uma soma de dor sobre dor. Prefere morrer? Não há como, você está confinada a viver seus dias em uma cama, semiabandonado, delirante, até o dia de sua morte. Respondi sua pergunta? Eu estava pálida. Ele estava vermelho com sua carótida pulsando.”

“Deus.”

“Não, querida, acho que ele não tem nada a ver com isso.”

Assim mesmo sou grato por meu tumor não estar alojado em meu cérebro, por exemplo. Prefiro um doloroso corpo putrefato a um cérebro carcomido e enclausurado em demência.

10.

O calor me causava incômodo.

Pela janela uma luz sempre bem-vinda começava a me dar desconforto. Gotas de suor brotavam de meu rosto e por vezes tive de fechar os olhos para evitar a excessiva claridade. Ela refletia no piso branco e deixava o quarto com um aspecto espectral. Era muita luz para pouco ambiente. Já estava próximo ao meio-dia, penso eu, hora de minha gosmenta e insípida refeição

Quem teria esgarçado dessa maneira as persianas? Eu sempre preferi uma semiescuridão, ou uma penumbra para repousar minhas vistas. Queria de mais, tinha pouco. Especialmente explicações.

Ninguém me falava em que dia do mês estávamos. Vivia tentando adivinhar as horas e dias da semana. Havia algo de surreal em tudo isso que eu, por mais que tentasse entender, não conseguia chegar a uma explicação aceitável.

Olhei novamente para minha cabeceira. E eu deveria ter gritado de raiva. Ou clamado por socorro. Pedido ajuda pela campainha às enfermeiras. Deveria ter me atirado ao piso e ido de encontro à porta e rastejado seminu até a liberdade, além desse hospital maluco. Poderia ter fechado os olhos e tentado raciocinar, pois há explicação para todas as coisas. Ou não? Em cima daquela bandeja, reluzindo o reflexo rubro das frutas, havia uma maçã mais uma metade tombada sobre sua face cortada.

Alguém estaria roubando minhas frutas? Talvez. Mas quem? Uma das enfermeiras, das copeiras, o meu médico? Não fazia sentido, pois todos faziam questão de mostrar total indiferença por elas. Era como se o fato de ter recebido três e agora ter apenas uma fruta e meia só fosse incoerente para mim. O máximo de comentários sobre minhas maçãs da parte de todos era, ‘como são bonitas’.

Elas apareceram e estavam desaparecendo em uma calma velocidade. Como se sentindo incomodadas com o recinto moribundo de meu quarto decidissem partir, rolando ou voando pelos corredores até a liberdade de pomares, onde poderiam entrar em um processo de degeneração e putrefação normal de qualquer fruta, coisa que aqui não ocorria. Há dias eu as via sempre vestidas como se estivessem se preparando para uma festa de gala, vermelhas, brilhantes e impecavelmente sadias, nenhum sinal de deterioração. Mas só eu percebia tal? Elas cheiravam como flores, mas algo me dizia que este cheiro mascarava um aroma de algo sombrio que pairavam sobre elas.

Algo sombrio...

Um dia eu havia tocado o sombrio e ele não se parecia nem de perto com uma maçã. Quando eles se foram, o que de bom e sensível que ainda se agarrara a mim se fora com eles. Minha esposa seria a mais afetada em minha reviravolta. Se ela tivesse visto como eu vi a falta de esperança nos olhos deles enquanto afundavam. Se ao menos ela pudesse ter a capacidade de ter um mínimo vislumbre da dor que eu presenciei no momento exato da partida de ambos, enquanto a água barrenta os engolia. O horror mudo nos lábios de minha mãe.

Foi assim que meus olhos represaram para sempre qualquer lágrima por mais ínfima que fosse. Pois precedendo a ida de meus pais, eu havia chorado no colo dele e pela última vez. Mas não era essa a conversa final que gostaria de ter tido com meu pai.

Tudo começou errado e da mesma forma terminou. Lembrar-me daquele dia é saltar para um abismo. Vejo a maçã e sua amiga mutilada, aperto com força minhas pálpebras até doerem meus olhos. Não vou voltar para aquele dia. Regressar dói. Daria tudo para que essas maçãs se transmutassem em meus pais. Daria minhas duas pernas para ter meus vinte anos de volta.

Eles acenam de dentro de seu fusca, tem a pele vermelha. Seus olhos negros como sementes de maçã.

11.

Dias depois da discussão com meu pai, ele, minha mãe e eu nos encontramos reunidos na mesma sala, que com seu enorme vão dava passagem para a cozinha. A indefectível poltrona de meu pai, nos fundos da sala, exatamente de frente para a mesa. Minha mãe preparava um prato para acompanhar a refeição da tarde. Meu pai folheava displicentemente o jornal, então ele tocou no assunto com candura, sua ira havia se perdido em alguma página do livro que fora rasgado há algum tempo muito distante. Olhou para mim sem que minha mãe percebesse o assunto que queria levantar naquele exato momento. A discussão que tivemos havia sido de certa maneira libertadora. Suas palavras ainda ecoariam por muitos anos em minha mente. Não sei se minha mãe percebeu algo, mas certamente sim, ela não deixava escapar palavras ditas com os olhos:

“Bom, vou para a cozinha deixar meus dois homens conversarem assuntos que certamente eu não me interessaria”, olhou para nós com seu rosto terno, mas sempre firme.

Um silêncio como neblina espessa começou a tomar forma. Parecia subir calmamente do chão em direção às nossas bocas. Se não fosse pelo ruído de talheres e outros utensílios usados pela minha mãe, vindos da

cozinha, meu pai e eu poderíamos ser confundidos com dois defuntos em um sarcófago milenar. Mas então:

“Sabe, filho, às vezes é mais fácil se dizer aquilo que não se sabe do que aquilo que se sabe”, eu continuava olhando-o como sempre fizera, com temeroso respeito e admiração. Ele se mexeu na poltrona, cruzou as pernas como as mulheres faziam, uma coxa sobre a outra, como ele dizia, ‘a posição da dialética respeitosa’. Eu ri por dentro.

“O que quero dizer é que você em sua jornada vai encontrar mais idiotas que acham que sabem do que sábios que se fingem de idiotas, destes você deve se aproximar, dos outros fuja. Pensar é para poucos. Ter ideias que realmente te fazem crer no absurdo, fazendo da estupidez algo debatível é para poucos. E estes para sua surpresa são os sábios. Eles te dizem aquilo que não sabem para que você possa vislumbrar a verdade por conta própria! Pois o que mais me enfureceu, em demasia devo admitir e desde já lhe peço desculpas, foi o fato de que você achou que tinha a solução para seu problema com meia dúzia de axiomas batidos! Não. Não se sinta sabedor, mas um idiota, e o mundo ao seu redor te julgará”.

“Então não lhe direi aquilo que sei, mas aquilo que não sei?”, respondi com os olhos fitos nos dele. E uma reação que só poderia vir dele aconteceu. Lágrimas brotaram de seus olhos, mas se confinaram em suas pálpebras, não rolaram. Sua felicidade se manifestou, e eu quase o vi saindo de sua poltrona em direção a mim e abraçando-me enquanto passava suas mãos em meu cabelo. Quase pude ouvir ‘nada disso, filho, isso tudo é só para te dizer que o amo, e que toda essa falácia foi uma maneira fracassada de esconder esse meu amor por você’.

Mas não, fora apenas um quase sonho, passageiro e fugaz como bolha de sabão, que escapa do balde de roupas de uma lavadeira qualquer. Voltei a reclinar a cabeça.

“Mas isso não é motivo para muxoxo, meu filho”, disse meu pai disfarçadamente enxugando os olhos.

“Sua mãe vai fazer aquela torta de maçã tão invejada por suas amigas e nós seremos os abençoados a degustar junto de sua companhia”. Sorri, voltei a sentar ao lado de meu pai. Não precisava dificultar tanto a vida assim como eu fazia. Queria aprender a ver a vida com os olhos das

respostas como os de meu pai, não com os olhos dos questionamentos como os meus.

“Hum, não temos mais maçãs”, disse minha mãe aparecendo providencialmente na sala e conhecedora do impasse. Até hoje gosto de pensar que ela ouvira tudo e que não entendera nada.

“Tudo bem, tudo bem, vamos até a mercearia, você e eu, enquanto sua mãe prepara a massa”, disse meu pai em um salto, fazendo seu “O Processo” cair no tapete como nunca o havia visto tratar um livro assim antes.

“Não. Vamos você e eu, desde quando homens sabem escolher boas maçãs para uma torta que prima por sua exata doçura e acidez das frutas com a massa?”, falou minha mãe pegando sua bolsa com um sorriso de quem falava como uma cientista tratando de sua fórmula secreta. E assim em minutos eles estavam dentro de seu carro velho rumando de encontro às frutas.

O som do motor foi se tornando cada vez mais fraco até sumir por completo. Aquela casa, aquele silêncio. Um livro no chão, uma lâmpada acesa na cozinha e um tolo sentado em um sofá. E foi assim rápido como os lampejos de pensamento de minha cabeça que alguém apareceu gritando na porta de casa, esbaforido pela corrida feita até ali.

“O... carro... no rio!”

Lembro-me que saltei tão rápido quanto meu pai da poltrona, mas diferente dele não fui atrás de maçãs, mas atrás de corpos. Quando cheguei ao local já haviam algumas pessoas. Atravessei o caminho por entre elas e ainda pude ver, e creio que somente eu, o fusca com o lado do motorista submerso, os dois abraçados olhando-me passivamente enquanto o carro sumia na água barrenta. Então o imponderável aconteceu diante da cena trágica, o homem se apequenou.

Na mente, uma criança tomara as rédeas. No pavor e na dor, cego pelo choque, me vi criança. Um homem assustado me olhava, era eu mesmo em pé. Ele se afastava de mim. Ele se ia, e já não importava. Agora apenas uma criança importava, segurando as calças frouxas, fitava os pais morrendo. Simples, trágico assim.

Diante destes novos olhos infantis, via meus pais partirem. Diz-se que pai algum deve enterrar seu filho. Eu digo que pai algum deve abandonar, largar ao mundo, só, uma criança que ainda não sabe diferenciar direita de esquerda. Enquanto via-os afundar dentro daquele casulo de metal e plástico, que seria para sempre a tumba mortuária deles, fui me sentindo cada vez mais deslocado do tempo e espaço.

Não percebi que algumas pessoas vinham e iam da margem oposta do rio. Deste lado do rio, cada vez mais só, eu triturava o peso da dor que recém entrara por minha garganta. Talvez minha percepção de espaço afetada estava ludibriando meus olhos. Talvez eu estivesse ao meu lado gritando por socorro, ou com uma mão a boca, babando por dedos trêmulos. Sentia-me cego, mudo e nu.

Estava no carro que descia pela água barrenta a pique. Estava no banco de trás sentindo o lodo enchendo meus pulmões. Maças boiando ao meu lado no pequeno espaço que ainda comportava um pouco de ar. Estava na outra margem e me vi. Olhos arregalados, mãos apertadas até os nós dos dedos ficarem roxos. Um círculo umedecido crescendo entre as coxas, o suor expulsando da camisa nova qualquer aparência de asseada.

Estava pulando no rio junto de outros dois ou três que tentavam puxar a porta do carona de onde minha mãe me fitava. Voltei no tempo. Atravessei anos e já não sentia barro me rodeando. No útero de minha mãe, por mais que bebesse, líquido algum me afogava. Aquela ligação entre ela e eu me preencheu e completou. Absorvi cada momento. Nenhum sentimento de solidão. Morria com eles. Água entrava pelos pulmões de minha mãe, assim mesmo continuava sentindo o acariciar de suas mãos sobre seu ventre, sobre mim. Sorri. Nascido e morto sem ver a luz decadente deste mundo.

Sugando o dedão da mão esquerda e sentado à margem do rio, a água ia cobrindo tudo. Os gritos de desistência ecoavam e os que tinham se atirado ao rio voltavam para a margem. Eu me sentia desligado do espaço e do tempo para jamais voltar. Alguns diriam que tivera uma epifania, outros que delirei. Se tivessem sentido o que vivi!

Por fim uma pequena multidão observava o show sem reparar em um menino com as calças molhadas sentado ao chão chupando o dedo. E antes que mais nada restasse, nem visão alguma do carro que afundava em

meio a bolhas de ar e maçãs vermelhas, pude ver os olhos claros de mamãe se escurecerem enquanto me olhavam. Naqueles olhos antes claros, agora escuros como sementes de maçãs, a morte me fitou com abominação e exalando um pavor cegante até encobrir qualquer beleza do feto protegido ou do garoto que agora já mordida os dedos até sangrarem. Vi toda a dor que caía e cairia gotejante sobre mim, como orvalho amaldiçoado pelos anos e anos que viriam, mas eu ainda não sabia disso. Tremi, vomitei e desmaiei.

No lusco-fusco da semiconsciência, ouvi alguém gritar ‘você não ajudou, por que não tentou ajudar?’ Não soube até hoje se a pergunta fora direcionada para mim, mesmo assim balbuciei a resposta enquanto sentia mãos tocando minha testa ardente: ‘Não pude ajudar, vocês não perceberam? Estou morto, morri com minha mãe no aconchego de seu ventre’.

Todos algum dia morrem, mas nem todos, dissera uma vez meu querido pai.

Desabei em minha cama, as lembranças estavam puxando meu corpo como se pudesse correr pelos corredores afora daquele hospital. Meus braços doíam. Chega de lembranças. Se tivessem sentido o que vivi!

12.

Os bons herdarão a terra. Alguém havia me dito algo parecido. E eu dissera que isso, com certeza, não se aplicava a mim. Eu sempre fui mau. Sentia-me assim. Hoje percebo que minha maldade sempre esteve latente em mim e só bastou um empurrãozinho para que ela viesse a tona. A morte de meus pais foi esse “descobre-te”. Passei a odiar tudo que me rodeava, até a lembrança de minha vida passada, pois antes deles partirem eu era um outro homem, o qual já não me lembro mais. Com certeza a terra não faz parte de minha parca herança.

Olho para o teto fazendo oferendas ao inferno para que pelo poder de qualquer ser ele possa desabar sobre mim. Minha cabeça dói, meus rins gritam de dor, meu estômago clama por analgésicos. E ainda vivo. E ainda respiro. E ainda dou-me como oferenda à morte.

Viro meu rosto sentindo a rigidez de meu pescoço na direção da luz que as persianas permitem entrar em meu quarto. Sabia o que veria por tabela, mas tentei me certificar de que meus olhos não me trairiam e preendi a respiração por alguns segundos para que o movimento de inspirar e expirar não movesse minha cabeça. Na mesinha de cabeceira havia apenas uma única e solitária maçã. Vermelha como sangue. Refletia uma mortífera luminosidade vinda da janela. Parecia ter sido colhida de uma macieira há algumas horas. Concentrei-me e tentei entender por mim mesmo o que era aquilo tudo. Movi meu corpo dolorido até ficar apoiado sobre meu braço esquerdo e de frente para a fruta. Seu perfume tornou-se mais forte, seu aroma era doce, mas um pouco sufocante. Fitei-a, e como se ainda pudesse falar, gritei em meus pensamentos movendo minha língua. Mesmo sem produzir som algum era como se estivesse ecoando até os corredores do hospital minha voz que um dia fora grossa e amedrontadora.

“Quem é você? O que é você? Quem te trouxe aqui? Diga alguma coisa, rampeira. Acha que vestida de vermelho e perfumada como uma dama pode me fazer ter qualquer tipo de desejo por você? Onde estão suas amigas, para onde elas foram? Fale-me alguma coisa!”. Eu estava suando, com dores no braço, apertando com força minhas cobertas, até meus dedos doerem. Eu gemia, não falava, gemia como um amante nos braços da amada. E pela força desprendida em um ato tão ridículo acabei urinando aos borbotões, o cheiro forte logo encobriu o perfume que exalava da maçã. Depois eu sabia o que viria, mas não parei de fitá-la com raiva e força como se pudesse agarrá-la e atirá-la contra a parede. Sabia que minha vista ficaria turva, meus dedos dos pés formigariam e eu desmaiaria. E assim foi, tombei como um moribundo que era. Logo o apito de emergência para as enfermeiras soou. Pensei ter visto alguns vultos no quarto quando perdia os sentidos, pensei ter visto larvas saindo do interior lustroso da maçã e tomando-a por inteiro como uma cabeça sendo comida por vermes.

“Soube da mãe e de seu filho recém-nascido que estavam na UTI?”, deixe-me adivinhar... pensei. Parecia a mim que estavam propositalmente falando para que eu ouvisse.

“O da mãe com hemorragia e do bebê pre-maturo de cinco meses? Quem nesta praga de hospital não sabe, mulher?”

“Ei, não grite, ele está dormindo. Pois é, estão em observação e terão alta em uma semana”

“O quê? Mas como, até ontem estavam entre a vida e a morte?”

“Não sei, o que sei é que o bebê já foi para o colo da mãe e ela por sua vez já sente os seios cheios de leite, não é incrível?”

“Incrível? Isso é bizarro!”

“Pense como quiser, mas depois dos últimos acontecimentos começo a acreditar em milagres cada vez mais”

“Ah sim, me avise quando você aparecer com uma Bíblia gritando pelos corredores para que eu possa dizer que não te conheço”, risos.

Os risos acabaram por me despertar por completo, mas eu já havia ouvido o bastante. A maçã, gelei, comecei a temer realmente a fruta repousando tranquila ao meu lado.

Que horas seriam? Em que dia estava? Aqui nessa cama de hospital eu havia perdido completamente a noção de tempo.

As cortinas de minha janela eram abertas à noite e fechadas durante o dia. Estranhamente estava vivendo entre sombras. Não era burro, havia alguma ligação entre as maçãs e os doentes deste hospital. Parecia que conforme iam sumindo as maçãs, também iam sendo curados os moribundos daqui. Mas minha compreensão sobre todo esse circo sobrenatural parava aí. Só perguntas e nenhuma resposta.

Quem me trouxera essas frutas e por que justamente para mim? Se essas maçãs tinham um poder curador, não seria mais sensato dá-las a cada um? Minha cabeça dava voltas, a todo momento parecia que desmaiaria. Ficar imóvel, impossibilitado de andar, era a sensação mais impotente que já havia sentido.

Estou como você, querida, mentalizei enquanto olhava para a fruta. Mas ao menos você pode pairar sobre estas camas e fazer algo. Seria diferente do que eu faria, claro. Pois se você se sente bem em levantar esses imprestáveis de seus leitos imundos, eu faria o oposto. A vida é a morte de olhos abertos, minha cara. Eu lhes daria a paz da morte.

Gritos fustigaram meus pensamentos. Pareciam vir de longe, mas foram aumentando e de repente estavam dentro de meu quarto. Um homem com uma arma apontava-a para o doutor responsável pelo meu caso. Estava malvestido. O médico suava e se comprimia contra o armário onde ficavam meus poucos pertences. O homem tremia, mas não vacilava na mira exata para a testa do doutor.

“Salve-a, doutor. Salve minha esposa ou eu o mato”, disse o pistoleiro. Legal, bang-bang ao vivo, só falta a pipoca.

13.

Eu não lembro se me disseram. Se meu pai me contou tal história. Se delirei pelos escaninhos da morfina. Sei que veio à minha mente algo suscitado pela cena que se desenrolava na minha frente. Um caso sobre uma família de refugiados de uma seca. Sempre desconfiava desses acontecimentos únicos, essas revelações de boteco de esquina como eu costumava chamar. Mas enfim, assim foi, mais ou menos.

Durante uma forte seca que se abatera sobre uma pequena fazenda e redondezas, e em um dia em especial, em que o sol se tornara ainda mais implacável, um monomotor passara sobre a localidade de um futuro retirante, atirando pequenos papéis com alguma coisa impressa. Uma aeronave ali era algo assustadoramente raro, mas não mais do que havia impresso nos papéis. Na folha que o fazendeiro catara ainda no ar, uma foto de uma família branca sorrindo. Pai, mãe, filho e filha. Todos mostrando seus dentes brancos com suas roupas bem ajustadas, impecáveis. Nos dizeres a frase, ‘a vida é bela não é mesmo?’. O homem ainda com a enxada em mãos passou o papel para seu menino que o ajudava e continuou a cavoucar o solo seco.

“Só se for pra eles”, disse o garoto. “Todos têm motivos para rir e chorar, meu filho. A vida é vida, isso eu aprendi”

“Como assim, vida é vida? Pra mim a vida é alguma coisa, mas não mora aqui, só a morte”

“Quem lhe disse isso?”, perguntou o pai se apoiando no cabo da enxada.

“Ninguém, pai. Olhe em nossa volta, é tudo morte, não há vida aqui, até nós somos apenas sombras de defuntos. A coisa mais viva que vejo é este papel ridículo com essa família ridícula”. O homem olhou em sua volta. Terra rachada. Sol que consumia e desidratava cada ser vivo. Não havia nada. O lago quase seco ainda se permitia peixes moribundos afogando e se debatendo em poças barrentas. Carcaças do que um dia foram vacas serviam de sombra para seu cachorro magro e velho, que daria tudo para estar deitado sobre algo refrescante. Árvores que mais pareciam esqueletos nascidos da terra seca tentando alçar voo pintavam o chão de negro, formando estranhas rugas no solo. Desolação.

“Você acha que morreremos aqui?”, indagou o pai.

“Não sei, o que você acha?”.

“Filho, a diferença entre a família deste papel e a nossa é que não há diferença”.

“O quê?”, explodiu o garoto. Sentiu-se envergonhado pela altura de como pronunciara sua indignação, mas agora não havia como voltar atrás.

“Isso mesmo. Pode parecer um pouco grotesco o que lhe direi, mas é assim que são as coisas. Debaixo da pele branca desta família há sangue vermelho como o nosso e carne como a nossa, e debaixo de tudo isso há aquilo ali”, e apontou para o esqueleto da vaca.

“O quê, terra?”.

“Não, aquilo ali. Ossos. Atrás de nossa aparência recoberta de pedaços de pano há um ser que come e caga. Que peida e cospe”. O menino não escondeu um meio sorriso. “Isso mesmo, fede, adocece, morre, apodrece, vira osso e depois pó. O que quero lhe dizer é que a vida é a mesma para quem vive aqui, nesse deserto perdido de Deus, e para quem foi retratado nesse papel e vive na cidade grande com seus confortos e bens. O que muda é a aparência do homem. O que fica no caminho pode ser mais que ossos, se quisermos podemos deixar um legado”.

“O que é legado?”.

“Legado é como deixar palavras que não secam ou viram pó como ossos. Mas isso quem escolhe é cada um”.

“A vaca escolheu deixar ossos...”.

“Filho, você vale mais que uma vaca, pode acreditar”. E riram juntos até cansarem, até ficarem com suas bocas secas, até notarem que não havia água limpa para suas gargantas cheias de pó, e não sentiram nenhum pesar, para delírio de algum observador oculto.

Por que me lembrei disso no momento em que o maluco estourou os miolos do médico, fazendo ecoar pelos corredores o trovejante barulho de sua pistola? Por que um havia escolhido deixar atos e palavras que salvaram como legado? Enquanto o outro, pela maneira como era manietado pelos guardas que surgiram no momento em que apontaria a arma para sua pró-pria cabeça, passou adiante sua carcaça, ossos podres que virariam pó em uma prisão ou comidos vagarosamente pela culpa? Tudo foi rápido. Duas frases, um gemido, um estouro, sangue e pedaços de cérebro em meu armário, um corpo no chão sem o olho esquerdo e um homem aos gritos levados por dois guardas rumo ao... rumo ao seu deserto de ossos secos? Legado. Eu não deixaria nenhum quando partisse desta vida. Poderia me comparar a um débil ruminante que vive remoendo pensamentos e jamais ousou pôr uma linha sequer no papel? Vivi como um cão? Não escrevi um livro, não plantei uma árvore e não tive um filho.

Bom ser estéril, não deixarei para o filho que não tive uma sociedade que usa como gel para dar brilho à sua sapiência capilar seu próprio vômito. Sou levado a regurgitar, mas também isso me deixa numa posição de passividade. Meu legado então foi nada mais que indignação sufocada, como fora com meu pai e com meu avô antes dele. Eles tinham razão, no último degrau descobrimos que subimos para abrir uma porta em que a chave sempre esteve aqui atrás, no primeiro degrau. Então, isso mesmo, plante uma árvore para virar lenha e fumaça para sufocar seus netos. Escreva um livro para influenciar uma geração de fascistas e comunistas. Faça um filho que jogará você em um asilo em plena solidão. Deixe que a vida triture seu sorriso até virar lágrima.

Quero um armário novo.

14.

O tapete felpudo parecia engolir os dedos de meus pés. Curvei-me sentando aos seus.

Aqui e ali eu via manchas de bebida que outrora meu pai derramara, algumas partes do grande tapete já se mostravam rotas. Eu praticamente nasci sobre ele, brinquei e tive acaloradas conversas com o homem que ocupava sua poltrona. Uma poltrona que parecia ter sido feita para seu corpo. Continuação dele. Eu os via mais juntos do que ele e minha mãe. Quantas discussões já brotaram sobre as cerdas daquele tapete. Uma sala que ocupava o coração de meu pai. Uma poltrona que expulsava a presença de minha mãe. Um ambiente que aconchegava seu dono e excluía qualquer outro. Quase podia ver os braços altos da poltrona querendo com mãos invisíveis me empurrar para fora dali, para longe dele. Ele lia seu livro, parou por um instante para me olhar, fechou-o sobre o colo e esperou.

“Pai, sonhei que morria. Sufocado. Foi horrí vel”.

“Por quê?”, perguntou-me, tão frio e soturno. O que não se podia ver, no caso uma ideia de vida, morte, bem e mal, era nisso que ele era bom. Eu estava entrando em seu campo. Como um pugilista ele me aguardava com suas luvas em um canto da sala transmutada em ringue, eu pulara as cordas e levaria uma surra tremenda. Levei quinze minutos para lhe falar meia dúzia de palavras. Estava amortecido pelo medo, raiva e tristeza.

“Eu não sei ao certo... Tenho sonhos de olhos abertos... e sempre estou sendo enforcado. Uma corda grossa que balança dependurada de um galho qualquer... do forro de nossa casa... dos postes que vejo enquanto ando pela calçada. Na verdade, eu não encontro o real valor de viver. Tenho me sentido tão cansado, eu queria simples e magicamente desaparecer. Mas sei que isso não está certo. Para onde olho me vejo pendurado, pés longe do chão, apenas...”

“Chega, chega! Nunca ouvi tantas lamúrias vindas de uma mente tão embebida em egoísmo e ignorância”, foi assim que comecei a entender pelos olhos de meu pai o que a vida e a morte significavam, e jamais esqueci. Assim começara a mais terrível discussão que já tivera com ele.

“Pai, eu estou com minha alma rasgada. Tenho enfrentado dragões pela manhã e serpentes pela madrugada há tantos anos que não sei ao certo quando tudo começou! Você não tem pena de seu filho?”, ele estava de pé, eu sentado sobre o tapete. Seus olhos vazios de sentimento eram o que mais me assustava, ele parecia não estar se importando com o que eu dizia.

“Pena? Pena? Escute-me, garoto, e me escute com muita atenção. Você sabe que seu pai não é de atirar palavras ao vento, falarei apenas uma vez. Teremos esta conversa em definitivo, não jogue meu tempo em uma privada qualquer”, sua explosão era contida, ele não gritava, odiava tal coisa. Mas me disse cada palavra em pé, de seus altos um metro e oitenta e cinco, gesticulando com braços que pareciam abarcar o mundo. Ele era o que eu queria ser.

“Será que só você ainda não percebeu a dimensão da sua, da nossa, débil existência? Pense que entre seis bilhões de almas que vivem espalhadas pela face dessa Terra, aqui, na Romênia ou no Alasca, algumas inevitavelmente não foram criadas para estar onde estão. Você nunca pensou que possa ser uma destas, que seu pai possa ser? Pondere um pouco a probabilidade de você não ser apenas mais um, mas ser o Um, ou melhor, o inumerado, o excluído, aquele que está e não é. Respira mas não por merecimento. Caminha sem se dar conta de que seus pés tocam o mesmo caminho que outros, talvez, ou certamente, já trilharam há milhares de anos, e que todos acabaram no mesmo lugar, no nada. Você não é um deus, não supervalorize sua existência. Depois de tantas lutas e batalhas, de ‘dragões pelas manhãs e serpentes nas madrugadas’ como você mesmo poetisa sua dor, só você ainda não vislumbrou aquilo que é tão palpável e risível? A verdade sem meias palavras: você, meu filho, não existe! Eu não existo! Isso mesmo. Sua existência nada tem de especial, e nada pode mudar aquilo que é imutável, a certeza destinatária de sua vida, o caminho ao rumo incerto da inexistência.

“Mais do que a morte, sua vida é um sonho, e quem vem lhe trazendo pelas regiões oníricas está prestes a acordar. Você mesmo, filho! Enfim, acorde, comece a viver, e no momento seguinte quem passeia pelos campos áridos de seus sonhos e devaneios não terá mais trilha para palmilhar em sua mente ingênua. E então desperto, como um homem, escolha, por fim, não viver ou morrer, mas existir”.

Eu me sentia diante de um deus, queria abrir um buraco, rasgar aquele carpete imundo, arrancar as tábuas do assoalho e descer, descer e descer até sumir da presença de meu pai. Ele voltou a se sentar, tomou o livro em suas mãos. Para ele o assunto estava acabado. Pus-me de pé e comecei a subir apressado as escadas que levavam ao meu quarto, mas diminui os passos, parei no meio da escadaria e me virei furioso. Ainda não acabou, papai.

“Pai”, disse choroso, “eu só quero uma vida que me permita não viver”, ele não se moveu, olhos fixos em seu livro carcomido pela oxidação. “Eu entendi suas palavras, não sou burro como a mamãe”, ergueu seus olhos. Senti neles um peso de mil livros todos recheados de impróprios contra mim.

“Repita”, sua boca mal se moveu.

“Você sempre negou a ela tais retóricas, não posso... Inferno, ela e eu não podemos com sua sabedoria, mas sei mais do que você pensa sobre a vida”.

“Oh, então vamos, grande pensador, me fale um pouco sobre sua visão de vida e... mor-te”, sorriu desdenhosamente.

“Quando olho para a vida, e tento entendê-la ou mesmo busco uma razão para nela viver e percorrê-la sem chamar sua atenção, desejando passar por ela despercebido como mais um, sem intentos ou ambições, sem desejos ou pedidos, sem fome de um maná que jamais desce do alto nem sede de água que nunca brota das pedras, concluo que eu e cada ser humano temos algo em comum que pelos anos parece falsamente cair em desacordo: todos nós lutamos desesperadamente não para viver, mas para escaparmos do que mesmo alguns buscando todos temem, a morte. Diferente do que você pensa e conclui, eu existo sim, tenho um lugar nesse mundo de merda e não faço questão de ocupá-lo. A única certeza da vida é a morte, pai. Eu entendi depois de alguns anos, mesmo sendo tão novo. É assim que me sinto. Nesse instante, percebo que todas as palavras ditas ou escritas não passam de esterco. Inclusive seus tão apaixonantes pensadores se curvam diante dela”, ele apertava o livro com fúria, fuzilava-me com seus olhos altivos. Sua paciência havia desvanecido.

“Eu nasci para morrer, mas não como você imagina”, disse-lhe, e senti o silêncio da sala, pela casa, até mesmo o exterior parecia haver congelado, minhas pernas tremiam.

“Nós somos maus desde o nascimento! É isso que você queria ouvir de mim, pois bem. Sente-se aí nesse degrau e me escute calado!”, seus gritos! Eu nunca havia ouvido meu pai gritar, era horrível. Eu não sentei, praticamente desfaleci sobre um degrau, estava em torpor.

“Todos nós somos vis e fundamentados na vilania. Estupramos a verdade e trazemos a mentira como pensamento inconsciente e inerente ao nosso ser, assim com naturalidade. Nossa existência não passa de pó soprada pelo vento. Possuímos o próximo como moeda de troca, debaixo de panos encardidos trocamos nosso amigo por uma noite com sonhos ou por uma vida sem pesadelos. A maldade que nós perpetramos todos os dias pelas ruas, pela mente, nas vidas desgraçadas de pobres intelectos, é obesa e cheia de varizes. Nossa maldade é sangue negro coalhado debaixo de nossos sapatos. Queremos ser maus, desejamos fazer o mal, mas somos propensos à alegria sustentada pelas lágrimas de outros!” .

“Sorrimos pelo choro de outros, vivemos pelo sangue derramado de outros. Salivamos cada vez que a maldade como um bolo negro recheado de musgo nos cai no colo. Temos os dentes nodoados, nossa língua é como laço que sufoca qualquer coisa que não seja maldade. Nossa maldade há de ser a responsável por nossa morte, pense nisso. Não será o bem a triunfar. Será a morte a dar lugar a uma outra ideia, diferente, que por lampejo apelidamos de amor? O mal espuma em nossos lábios, filho, e ainda respiramos o amargor de seu hálito. O bem ainda não aprendeu a andar, ainda não sabemos pronunciar a palavra amor. Então tire suas conclusões de minhas loucuras, pois é assim que você vê seu velho pai”.

“Cresça garoto, e decida sua caminhada rumo à vida ou à morte, eu não posso escolher por você. Eis aí o que seus ouvidos queriam engolir? Pois sintase saciado”, caiu em sua poltrona, respirava fundo.

Senti que ele havia, mais do que me passado um sermão, desabafado, aberto seu pequeno baú, uma única vez e para sempre. Olhava para suas mãos, havia pedaços de papel. Ele havia destrinchado o livro em seus dedos enquanto sermonava. Aproximei-me dele, olhei primeiro para suas mãos, recolhi os restos do livro. Juntei as folhas espalhadas pela sala antes que mamãe voltasse da missa. Sentei-me como antes aos seus pés e não tive medo. Então, pela segunda vez no mesmo dia, vi-o fazer algo inédito, puxou-me para seus braços e chorou. Choramos.

“Todos um dia morrem, meu filho, mas nem todos”.

Eu mal pude ouvir, pois minha fala quase abafou tal frase. Eu repetia, ‘me perdoe, papai’, convulsivamente. E sobre aquele tapete mais algumas manchas se juntaram àquelas que já faziam morada ali, lágrimas, de meu pai e minhas. Nossa discussão permaneceu no mundo das ideias, para sempre inconclusa. Minha mãe jamais ficou sabendo do ocorrido. E eu permiti ser levado pela vida por mais alguns anos.

15 .

Nos cinco dias que se seguiram ao homicídio de meu médico, fui atendido por outro. Um residente, estagiário ou coisa que o valha. Era simpático, sempre taciturno, embora não escondesse um sorriso repetitivo para mim. Não fazia diferença a quantidade de dentes que ele me mostrava. Qualquer agrado para alguém que está com seus dias contados, mesmo o abraço grupal de todo a tripulação do hospital não teria nenhuma importância. Meus dias corriam como grãos de areia em uma ampulheta quebrada. Mas diante de toda a animosidade e aparente tristeza dos médicos e enfermeiras ele se destacava por sua maneira cândida em me atender. Não me falava nada sobre o homicídio, como se eu pudesse me importar. Obviamente, a cena havia me assustado, melhor, me impressionado. Mas já desvanecia de minha mente.

Tudo vinha e ia de minha memória paulatinamente para a fossa das almas. Um lugar que costumava dizer à minha esposa como sendo o lugar onde os sonhos adormeciam, se matavam ou sumiam. Invenção minha, criação própria. Eu tenho posto meu quinhão polpudo de desejos e anseios frustrados na fossa das almas.

Minha esposa soube do ocorrido e veio me ver no dia seguinte ao ocorrido, chorou comigo, embora eu não tenha derramado uma única lágrima por aquele médico, não gostava muito dele. Nem me importava com a história que circulava em boca miúda entre as enfermeiras de que a esposa do atirador estava com leucemia adiantada. Salve minha esposa ou eu o mato, ele havia dito. Pobre coitado, atirou na pessoa errada. Se

soubesse o sofrimento que imperava em sua mulher, à espera por uma morte redentora e cheia de dores que não vinha, ele teria atirado nela poupando-a dos dias negros que ainda estavam por vir. Oi, amor, eu te amo, ‘pou’! Mas quem apoia o uso da morte pelo amor à vida? Tudo isso era secundário nesse buraco de cancerígenos, velhos, maçãs, atiradores e milagres. O que ainda me incomodava era o sorriso fora de moda do médico estagiário que me visitava diariamente. Ao menos o doutor morto mantinha os dentes dentro da boca. Os mortos são sempre mais educados que os vivos.

A dor. Cada piscar e cada movimento involuntário de meu diafragma disparavam uma avalanche de dor. Era insuportável. Não me lembro em todos esses meses de um ataque de dor tão excruciante. Parecia se irradiar da ponta dos meus pés aos fios de cabelo da minha cabeça. Engolir a saliva fazia verter lágrimas de meus olhos. Toquei o botão que chamava uma das enfermeiras de plantão, deveria ser mais de meia-noite, talvez estivesse amanhecendo. Logo apareceu uma delas com uma ampola e seringa, já estavam acostumadas. Eu que não estava acostumado com tamanha dor.

“Está com dor, senhor?”, pisquei e uma lágrima escorreu por minha face direita.

“Tudo bem, vou aplicar uma seringa inteira, uma ampola toda e a dor vai passar, mas o senhor vai dormir bastante, tudo bem?”, não me importava, eu poderia dormir para sempre, quem sabe tivesse uma reação incomum e um infarto acabasse com tudo isso. Seria o fim, meu Deus, o fim, enfim. Senti a agulha fria direto em minha carne, não foi aplicada em um dos tubos. Estranho, mas senti a dor dando adeus em minutos, e isso importava. Vi que ela segurava minha mão, podia ser minha filha. A filha que eu tanto quis embalar em meus braços. A filha que me faria um cartão pintado a giz de cera em meu aniversário. A filha que me jogaria em um asilo quando a herança já tivesse ido para suas mãos.

A dor deu lugar ao sono, e o sono abriu as portas do reino dos sonhos. Virei a cabeça e pude ver a maçã. Quando acordasse, tenho certeza que ela já não estaria inteira. Sonolento tive a convicção que uma parte sumiria para que o doutor com a cabeça arrebatada voltasse à vida. Amanhã seria um longo dia no hospital.

16.

O potente sedativo me empurrou para os confins oníricos não realizados. Para a fossa das almas que já visitara antes.

Encontrei-me em um platô, de pé, vestido apenas com meu avental hospitalar, minha bunda gelava pela brisa fria que teimava em levantar meu traje. Estava me sentindo bem, sem dor. Olhava ao longe uma espécie de reunião, eram homens que tinham mais ou menos a mesma idade e aparentavam não ter olhos, não podia distinguir com clareza, pois estava longe do aglomerado. Eles gesticulavam entre eles e pareciam estar em um acalorado debate. Eu não tive dúvidas, eram sonhos personificados em pessoas, simples assim. Não sei como sabia disso, mas sabia. Eram tantos e estavam tão bem-vestidos, mas realmente não tinham olhos, embora não parecesse precisarem deles. Se ajuntavam ao redor de uma árvore, o tronco era gigante, sua copa baixa quase resvalava na cabeça dos reunidos. Não havia sol, mas era claro. Não estava quente, mas sentia a variação de temperatura constante e enlouquecida. Ora a brisa fria, ora um vapor mormaço, depois orvalho cobria minha visão para depois a sequeidão de um deserto me fazer suar.

Diante de mim aqueles seres sem definição discutiam e gritavam contra alguém que estava no centro, perto da árvore, um gigante Carvalho. Eu sabia que era um Carvalho, mesmo não sabendo como sabia. Os sonhos nem sempre vêm com um manual. O alvoroço continuou e aumentou até que pude ver quem eles apertavam contra a árvore. Era um jovem, este sim com olhos e apavorado. Parecia ser mais jovem que os outros e um tanto mais baixo. Agucei minha visão para tentar entender o que se passava. Havia em um dos galhos do grande Carvalho uma corda pendurada com um laço em sua extremidade balançando ao sabor da brisa. Uma força.

O jovem quis fugir, mas foi facilmente detido pela turba que a essa altura já estava insana, gritando palavras desconexas e fazendo gestos bizarros. Uns pulavam em uma perna só, outros davam cambalhotas, outros ainda batiam a cabeça em seu parceiro. Pareciam macacos à beira de uma explosão histórica. Os gritos ficaram cada vez mais altos e assustadores. Da posição em que estava parecia um ninho de formigas pronto para o ataque contra um invasor. O jovem, sim, ele tinha o rosto desfigurado de pavor e

chorava aos borbotões. Sentia-me xeretando o pesadelo do garoto, era uma suposição aceitável, então não estava na fossa das almas e aqueles não eram sonhos. Mas nada fazia sentido, embora toda aquela loucura, eu continuava bem, sem dor, sem medo. Então o jovem gritou. Seu grito pareceu incomodar a todos, eles o estavam erguendo, passando por sobre suas cabeças na direção da corda. Um pandemônio tresloucado de braços e cabeças. O grito do jovem aumentou, e quanto mais se aproximava da corda mais alto ficava. Involuntariamente apertei minhas mãos contra meus ouvidos, não queria ouvir aquilo e tão pouco ver, mas não conseguia fechar os olhos, eu tinha de ser uma testemunha. Ele se debatia, mas não foi páreo para a força dos cegos. Meteram sua cabeça no laço e largaram o rapaz, então tudo se fez silêncio.

Eles abriram um espaço como se não quisessem que os pés do garoto tocassem eles. O jovem se debatia. Apontava a ponta de seus sapatos para mim, para o Carvalho e para um e outro. Estavam todos virados para ele como se pudessem ver, mesmo não tendo olhos. De repente senti a dor daquele garoto, ele era um sonho, eu estava sim na fossa das almas, eles estavam matando um sonho. O garoto era um jovem sonho ou coisa parecida. Meu coração doeu, chorei. Alguém havia desistido em alguma parte do mundo real de viver, de sonhar, e eles haviam matado o que fora atirado naquele buraco. Caí de joelhos. Silêncio. Chorei como jamais fizera.

O garoto parara de se debater, e um após o outro foi indo embora em direções diferentes. O jovem estava estático, sem vida. Virei meu rosto e pude ver, sim, eu vi, e o grito que verteu de minha garganta assolada pela falta de cordas vocais sadias foi como um chiado de gato com raiva. Vi uma pilha de corpos, uma profusão de mãos e pés, cabeças e cabelos. Não estava em um platô, mas de joelhos sobre uma pilha de corpos que jamais poderiam ser contado. Continuei gritando até acordar, lembrando-me do jovem, do Carvalho e do corpo que sustentara meus joelhos, pensando ser areia.

O grito se esvaiu em minha garganta. Acordei. Mesmo com tamanho horror que havia visto e sentido, sentia-me bem. Aquela sensação de que tudo não passou de uma alocação de pensamentos feita pelo cérebro enquanto se dorme. O pesadelo começava a se perder nos meandros da mente, de algumas partes já não me lembrava, e isso era bom. Havia uma

árvore? Alguém sendo enforcado? Enfim, a vida realmente não era assim tão valiosa.

17.

Sonhar, de olhos abertos e fechados. Fugir do corpo. Galgar uma outra dimensão. Ir aonde o material não é bem-vindo. Fora do tempo e espaço, além do que realmente importa. Mas o tempo é cruel com sonhos. Para mim eles foram gradualmente desaparecendo conforme meus joelhos iam enrijecendo e meus cabelos caindo. Quando se é jovem você acha que possui o poder de ser qualquer coisa, conforme os anos vão passando você entende que qualquer coisa é o máximo onde se pode chegar sem, no entanto, possuir poder algum. Sou um desvalido da vida. Sou um coitado que odeia quem pensa tal coisa de mim. Deixem-me morrer, é de graça, pelo menos foi o que aprendi com meus pais.

Enquanto olhava para o teto e esperava a claridade do sol invadir meu quarto, o médico que agora era responsável por mim abriu a porta e com seu sorriso peculiar começou a verificar meu estado de saúde. Estranho ele não falar nada, não dava bom dia nem tão pouco me perguntava algo, ainda que obviamente eu não teria como respondê-lo. Tomou minha pressão, olhou de esguelha para minha maçã, seus olhos brilharam, eu percebi. Tirou uma ampola de seu jaleco, tomou uma seringa nova, encheu-a de... O quê? Morfina? Eu ainda estava anestesiado desde a última aplicação. E enquanto pensava senti a agulha deslizar por sob minha pele e seu líquido misterioso fazer adormecer-me até perder novamente meus sentidos. Mas pude vê-lo estender a mão e sorrindo loucamente com caninos salivantes e olhos esbugalhados pegar para si a maçã.

Este senhor tinha o exato sorriso, de escárnio, de alguém que um dia tive o desprazer de conhecer. Foi há muito tempo, mas para um velho o ontem é relativo. Às vezes o dia anterior é tão baço quanto uma década atrás.

Depois que meus pais faleceram, ingressei no exército. Na caserna todo e qualquer resquício humano que ainda teimava em me

acompanhar foi esmagado pelo peso cotidiano do lugar até virar pó. Sentia a obrigação de sempre agradar meus superiores. E a decepção por não conseguir. Costumo dizer que todo ser humano possui um “burro” só seu. O burro seria aquela pessoa que pratica e pensa todo tipo de maldade contra seu protetor, seu bajulante, e esse não só desconhece como continua a exaltar as qualidades, visivelmente inexistentes, de seu burro. Ainda que até mesmo os anjos em coro lhe digam que seu burro é um maldito embuste e canalha, com um coração turvo de maus pensamentos contra seu senhor, só aguardando a hora certa de lhe puxar o tapete, de lhe decepcionar, ainda assim ele prefere crer que tudo não passa de inveja contra seu pupilo, seu protegido. É a estúpida conexão mestre discípulo quando o último está sempre às portas de cortar a garganta do primeiro. Digo estúpida conexão porque todo mestre não sobrevive sem seu discípulo, mesmo que este seja o parteiro do demônio. E infelizmente os discípulos sempre estão com suas adagas afiadas conjecturando contra seus mestres. Cristo sentiu isso. Embora ele já de antemão, assim aprendi com meus pais, conhecesse o coração de seu burro, Judas, que um dia lhe trairia. Esse tipo de estranha e inconsciente tradição subsiste.

Porém, apesar de todo mestre ter seu burro, ele também possui seu cavalo. No qual monta-o e cavalga-o e o esmurra e o calca as esporas nos rins até os ossos. Bom, em meu pelotão havia o “burro” pertencente ao sargento e o papel de cavalo pertencia a mim. Um cavalo cavalgado sem cela, com arreios feitos de arame farpado. Meu bom sargento me ensinou em definitivo o que eu já tinha aprendido principalmente depois da morte de meus pais: a odiar a vida. Eu era o primeiro de meu pelotão, o mais dedicado, esforçado e estudioso, porém sempre recebia as piores recompensas. Tinha o físico mais preparado, acordava antes de todos, mantinha minha arma sempre nas melhores condições. Vivia impecavelmente barbeado, minhas botas eram as mais brilhantes. Meus testes de aptidão mental recebiam sempre as mais altas notas. Mas sendo um cavalo galgava o caminho que o burro deveria percorrer.

Fui expulso da corporação quando rejeitei meu almoço. Eu estava de guarda quando tocaram aquele insuportável sinal anunciando a hora da refeição. Sentei com meus colegas, mas não percebi quando o burro se sentara ao meu lado. Enquanto comia, pude ouvir os risos e gracejos do burro com seus colegas ao seu lado.

“Você vai beber este leite?”, perguntou-me o asno.

“Não, pode pegar”, não queria leite nem conversa, todos sabiam o quanto eu era reservado.

“Hum, seu leite é melhor que o meu, isso é possível?”, indagou após beber um gole da bebida. “Não vai se importar se eu pedir que experimente, não é?”, tentou dizer olhando-me nos olhos ainda que eu continuasse fixo em minha bandeja e de garfo à mão.

“Não, não quero leite”.

“Ei. Que isso, só um gole, para que você veja que não estou mentindo, vamos compare”.

“Dane-se, beba e me deixe em paz!”.

“Ei, acho que temos alguém ficando bravo”, disse com o sorriso enviesado.

“Dê-me aqui”, peguei o copo, meu leite, e bebi-o todo. Estava fazendo o possível para não me enfurecer, o que não era muito fácil.

“Sentiu o sabor? Diferente não é?”, chegou perto de meu ouvido. “Um leite extraído da vaca mais saborosa do mundo. Leite das tetas mais belas da vaca mais especial do mundo, sua mãe!”, e a risada em uníssono tomou conta daquela mesa com não mais que sete cabos.

O que se seguiu foi algo deveras divino. Peguei-o pelos cabelos da nuca e ele riu ainda mais. Ele sabia, o sargento sabia, eu sabia, todos sabiam, até o cozinheiro chefe do quartel sabia como aquilo terminaria. O que eles desconheciam era o que eu estava para fazer, estava cheio daquele lugar. E então bati. Diante dos olhos apavorados e no silêncio imposto por mim ao refeitório, joguei sua cara de burro contra a quina da mesa de madeira maciça. Segurando em um chumaço de seu cabelo continuei batendo e batendo sua cabeça contra a mesa uma dezena de vezes até ver seu nariz sumir em meio aos seus olhos ensanguentados. Até dentes seus fazerem companhia ao copo vazio em minha bandeja. Até seus gritos cessarem e suas mãos a cegas em meu rosto tombarem sobre a mesa. Eu podia fazer aquilo por horas, mas o chumaço de cabelo soltou-se de sua cabeça e despontou entre meus dedos vermelhos de ódio. E só então pude ver o estrago que fizera. Estava suado, mas calmo. O burro com a face desfigurada e debruçado sobre sua comida empapada de sangue. O refeitório em silêncio. O sargento com dois guardas vindo em minha direção. Ainda pude afastar um molar de cima de meu bife antes de dar uma última garfada e saboreá-lo enquanto era carregado para minha prisão e

posterior expulsão. Uma vaca vingada, um cavalo troteando para uma cela e um burro sem nariz nem dentes. No fundo todo homem é um animal, basta escolher qual.

Sem nariz nem dentes... Um rosto pálido voltado para mim, uma face disforme com olhos arregalados. Ou o que se podia vislumbrar de rosto debaixo de todo aquele sangue. O médico substituto estava caído de costas no chão, fitava o teto. Meu quarto repleto de pessoas de branco. Algumas enfermeiras com a mão à boca, outras em lágrimas, outras ainda refletindo a brancura de seus jalecos no rosto da companheira ao lado. Alguns médicos tomavam pulso, gesticulavam e como em uma chuva de verão que começa cálida até se tornar uma torrente de água desabando sobre o telhado de uma casa velha, começaram os gritos de comando e os choros profusos.

Com um lençol cobriram o corpo e o levaram para fora. Uma procissão de mulheres de branco o seguiu. Meu quarto se tornara a cena de um crime pela segunda vez em poucos dias. Ninguém seria louco de me acusar de nada. E no fundo estava aliviado, os dentes dele espalhados pelo piso me diziam que nunca mais veria aquele sorriso demente. Pela segunda vez meu quarto ficara impregnado com aquele cheiro de morte que teimava em não fluir de dentro de mim. Morte, o lugar é esse, calibre melhor sua pontaria.

Não vou perder meus dias que já se findam em saber como um homem foi desfigurado dentro de meu quarto, em um hospital que eu já não acreditava ser tão seguro assim. O que importam as circunstâncias da morte para alguém que morreu? Isso só serve para os vivos, que ainda não morreram, por enquanto.

A luz de uma tarde escura prenunciando uma tempestade se espremia entre as venezianas da janela. O silêncio no quarto era gritante, absurdamente mudo. A maçã restante, vermelha como túnica de rei, permanecia olhando-me, sua opacidade lustrosa e brilhante me incomodava. Podia quase ver meu rosto refletido em sua casca. O ambiente parecia cheio de estática, de expectativa, algo demasiadamente grande vinha por aí. Uma rigorosa tempestade, talvez, mas algo me dizia que uma coisa mais presente, mais palpável e opressora começava a tomar forma. E antes que minhas divagações tivessem fim, uma enfermeira entrou no quarto trazendo um rosto choroso e a notícia de que a mulher do atirador, leucêmica, estava curada e havia recebido alta. Com uma violência comedida percorri meus

olhos da enfermeira do lado direito do quarto para a maçã que jazia agora pela metade do lado esquerdo. Meia maçã.

Uma fração de minutos. Em instantes que eu não poderia calcular o que antes fora uma fruta inteira agora se mostrava dividida, partida, esquartejada. Como explicar tal absurdo? Por que será que não me surpreendi? Tudo em minha volta tomava uma forma espectral. Tudo parecia estar muito além do que eu conhecia como verdade. Por trás de mim havia um tipo de “meta verdade”, uma supraconsciência. Pela primeira vez desde que chegara nesse hospital pestilento senti medo.

18.

Não a vi chegando. Não sabia há quanto tempo estava ali. Era manhã novamente? Por certo, dia de visitas. Nos fitamos por instantes. E trocamos cumplicidades através dos olhos, reações faciais e arquear de sobrancelhas como só os amantes compreendem, ainda que já não me via mais como um. E então, sentada com seu tricô ao colo, sempre tão ereta, mesmo tendo sua coluna já em vias de dizer adeus, com a mouquice do ambiente nos abraçando, jorrou. Jorrou profusamente suas dores como jamais havia visto e ouvido.

“Sei que você pode me ouvir mas não pode falar. E ainda que tenha tantas perguntas a lhe fazer, sei que você não poderá responder nenhuma. Olho para você e vejo nosso passado. Quando me olho no espelho vejo nosso passado. Você pode ver as lágrimas pingando de meus olhos nesse piso branco? Sei que pode. Não são lágrimas de tristeza, são de saudade. Saudade de nós em nossa velha casa. Saudade de sua maneira rabugenta de viver e de andar por ela. Não sinto mágoa de você. Deveria sentir? Você sempre me tratou como acho que deveria ser. Você sempre teve uma maneira estranha de ver a vida, o amor, a morte. Jamais pude entender a metade das coisas que me dizia a mesa no jantar. Aliás, à mesa era o momento em que você tomava rumos e caminhos por devaneios, que aos meus olhos eram absurdos. Embora eu devesse odiar essa sua indiferença no momento das refeições, o que realmente sentia era abandono. Porque quando você caminhava por seus vales repletos de sombras e luzes coloridas, de ideias e pensamentos quase sem sentido, eu continuava com

meu garfo à mão, abandonada ao pé da mesa. Eu apenas queria que você me tomasse pelas mãos e me desse o prazer de andar por estes caminhos seus. Quando você retornava destes escaninhos encontrava um prato frio à sua frente e ao me ver sempre sorria, via meu estado embasbacado.

Eu sempre fiquei à mercê de suas ideias, deslocada de sua sabedoria erudita. Mas o tempo tratou de lhe arrancar seu bem mais precioso, sua verbosidade, sua imaginação, eu diria quase sem fim; seu intelecto profuso de filosofias. Isto, sua velhice, sua senilidade, atirou-o em um poço de escuridão. Quanto mais a demência silenciosa cobria cada centímetro de sua mente mais dependente justamente de mim você ficava, e mais longe de você mesmo achou-se.

O câncer foi um mero olá da vida, ou da morte, como diria você. O que o tem matado é a ideia de que agora, cada vez mais, não há mais ideia em você. Entendi que você lutou não contra nosso amor, ou nosso matrimônio de tantos anos, ou mesmo a vida, mas contra você mesmo, sua mente genial jamais lhe deixou em paz.

Olho para você e me pergunto, quem é você? Eu lhe conheço?

Quantas vezes eu pedi a Deus, que você jamais aceitou a ideia da existência, de que sua dor fosse minha dor. Que seu choro nas madrugadas, sim, eu o ouvi muitas vezes, fosse meu lamento. Eu pedia que por algum momento viesse a mim qualquer pesar que lhe acometia. Eu queria ser uma espécie de bode expiatório. Mas então notei que o desejo de ter suas dores em meu corpo nada mais era que uma maneira de evitar seu rosto contorcido de dor, sua face raivosa, sua voz amargurada. Queria fazer cessar seu olhar de ira, evitá-lo, e sua conseqüente indiferença comigo. Agora entendo o que antes me era apenas como sombra, a verdade por trás de meu amor por você. Eu desejava sentir suas dores e incômodos para não sentir os efeitos colaterais caírem sobre mim: sua raiva, seu ódio pela vida. Atitude egoísta a minha.

Para me sentir bem eu pedia a Deus suas dores e queixumes. Pois você sem dores era um suportável marido. Sem angústias você tornava-se um homem mais aceitável. Por fim, entendi que minha história não era única. O que muitos chamam de amor é apenas uma palavra para mascarar o real sentimento dos apaixonados, o egoísmo. Queria sua dor não porque o amava, mas porque me amava em demasia. Querer sofrer em seu lugar, eu, uma simples e tola dona de casa? Uma masoquista da paixão.

Sempre amei-o. E como desejei ser amada! Como queria sentir isso. Ansiei amar-me, querendo não te odiar. Acho que falhei no primeiro anseio. Amei você, lutei por você. Chegou a hora do adeus. Fui chamada para algo maior que um hospital fedendo a doença. Sinto tanto por nós. Sinto tanto a sua falta.

Na verdade, continuo a amar você. Quando você veio para este hospital, no primeiro dia, você me disse com dificuldades que isso seria breve. Você me disse que voltaria para casa logo. Cumpra, meu amor! Sei que não podes, nada mais pode ser feito por você, acho. Volto para a vida. Eu o verei novamente. Você caminhará por cascalhos e eu o ouvirei. Amote. Adeus”.

Eu chorava, e a chuva me imitava, escorrendo volumosa pela janela de meu quarto enquanto minha esposa caminhava em direção à porta, talvez pela última vez. Meu pai costumava dizer que águas deságuam em lugares estranhos. Molham aquilo que deveria permanecer seco. E que tentar entender o curso de rios é tarefa para sábios.

Sempre me dizia as mesmas palavras, com um olhar vago e lacrimajante, parecendo vislumbrar a eternidade, sentado na sua poltrona felpuda em sua sala de leitura com seu copo de uísque ao lado, tarde da noite sem que minha mãe soubesse que ele ainda estava acordado, e pior, que ele permitia que eu ali estivesse.

Fiz daquelas palavras enigmáticas, axiomas de um velho demente, como diria minha mãe, meu santo graal. Queria provar a ele que estava errado, que as águas que inundam seja lá o que for e onde for podem ser explicadas por qualquer um e entendidas por sábios e ignorantes, como eu. Ele me fizera acreditar que a ignorância era irmã da sabedoria. Mas, enfim, quando ele se foi com minha mãe entendi que não há nada que possa parar o fluxo impiedoso desse rio. Achei que por muito pensar e em muito acreditar acharia a resposta, algo simples e tolo que meu pai jamais havia pensado. Mas as águas deste rio chamado vida são mais profundas e tortuosas que qualquer coisa que já se tenha tentado destrinchar. A vida enfim é este rio, estas águas que fluem para qualquer lugar, não é mesmo, papai? E por mais diques que tentemos erguer, fatalmente, em um dia qualquer eles hão de desabar e seus destroços seguirão o rumo na direção do oceano da escuridão, infinitude e morte.

Os olhos de meu pai avistavam ao longe a imensidão solitária deste oceano, eu sei que sim. Mais do que pensamentos de um velho demente – não é, querida? – que agora está preso a uma cama de um hospital xexelento, o que tomo por conclusão depois da abundante torrente de águas que minha esposa deixou fluir em direção a mim, fazendo de meu leito uma pequena jangada. Enquanto rios desde tempo imemoriais me carregassem para longe dela e de mim mesmo; o que percebo lacrimajante e só, solitário, como uma metade de maçã que fora abandonada por suas amigas, é que uma represa se rompeu e a prodigalidade das águas inundou em definitivo e apagou por completo qualquer fagulha que ainda resistia de sonho em minha vida. Água em meus olhos, água escorrendo pelas janelas, água vertendo da metade jacente de uma maçã vermelha, água no piso deixada por uma senhora que ainda há pouco me falava, água cercando minha mente, submergindo meus pensamentos, transbordando qualquer ideia. Fui deixado desfalecido, boiando, afogado, ao léu.

Eu não a amei, e ela se foi. Um rio se interpôs entre nós, eu mesmo rompi a barragem, mas cedo ou tarde tudo arrebentaria de qualquer maneira.

Conheci-a quando tudo ainda era apenas um filete de água correndo pela sarjeta. Como ela era linda, como eu a amava. Como tudo pôde mudar tanto tão dolorosamente?

19.

Eu a empurrei no lago.

Foi assim que nos conhecemos. Não, ela não se molhou. Segurei-a antes que caísse. Foi a coisa mais estúpida e sensacional que já fizera em minha vida até então.

Eu havia acabado de ser expulso do quartel e vagava horas pelas ruas da cidade que me acolhera tão bem. Passava sempre no mesmo

jornaleiro que me esperava com o jornal matinal. Caminhava mais alguns metros pela calçada de tijolinhos cinzas bem assentados onde encontrava uma mesa para um café. Poucas pessoas nas ruas, e as que estavam corriam apressadas para seus empregos de salários parcos, para uma subsistência quase miserável. Eu me virava com meus trocados que recebia como compensação da firma que construía a ponte que simplesmente rachara e jogara meus pais para a morte. Não era justo, aquele dinheiro vinha cheirando a sangue, manchando meus dedos e bolsos de uma nódoa vermelha. Mas, afinal, no exército aprendera que justiça realmente era névoa que o vento da manhã sopra ao primeiro raio de sol, ou tempestade de neve que a sufoca. Justiça de qualquer maneira não prevalecia nessa vida.

Tomei meu café, paguei com moedas rubras e continuei pela calçada de tijolinhos cinzas. De um lado a sarjeta, de outro lado pequenos arbustos cortados na altura da cintura que davam lugar aqui e ali a drogarias, lojas de roupas, alfaiatarias, açougues, casas bancárias e sorveterias. Em um certo ponto os arbustos se afastavam da rua e iam em fila indiana dar numa lagoa que ficava quase escondida entre pequenas e médias árvores que desconhecia por completo de qual espécie seriam. Havia mesinhas e bancos com senhores jogando damas, lendo jornais, rindo alto. Mas entre tantas distrações para olhos que viam todos os dias a mesma cena algo se destacou. Como se intrusa, como uma mosca presa em uma tela de tinta ainda fresca, uma moça fez-me parar. Ela estava de costas para o mundo, mas de frente para a lagoa. Jogava pétalas de uma flor qualquer que o vento se encarregava de brincar e depois permitia repousar nas águas tranquilas do lago. Comecei a me aproximar olhando ao redor. Tinha certeza de que seu namorado surgiria em instantes ou talvez seu pai antes que estivesse próximo demais dela. Ainda era como um forasteiro naquela sisuda e pequena cidade.

Quanto mais o espaço sumia entre nós, mais o tempo parecia parar, quase parecia regredir. Tive a sensação de que as pétalas estavam voando para suas mãos. Seus cabelos negros bem escovados e seu vestido simples remetiam a singularidade do lugar e da própria situação. Eu ainda não havia visto seu rosto, não havia sentido seu perfume, não havia tocado em sua pele macia. Mas como saberia se realmente era macia?

Então, como quando perdi meus pais, o tempo parou e o espaço era apenas um detalhe. As árvores levantaram-se de seu lugar e se puseram formando um corredor que ligava a moça de costas ao jovem com um jornal na mão. Os velhos também silenciaram e desistiram de sua última jogada para se postarem de um e do outro lado, formando um corredor junto daquele verde mudo, sorrindo para mim, dizendo com seus olhos para que eu fosse adiante.

As pétalas voavam, mas agora choviam sobre mim, como neve. Flores brancas entorpecidas pelo perfume da moça virada para o lago. Cheguei-me até ela, mas não se virou, apenas parou de mover suas mãos. Deixei o jornal cair aos meus pés, segurei em sua cintura e a empurrei no lago, mas no último momento a preendi entre meus dedos, ela se virou dando um lindo e delicado suspiro de susto e me abraçou em reflexo. Era linda, sorria. Olhou-me no fundo de minha alma como só meus pais tinham tal audácia e balbuciou.

“Você me assustou”.

“Desculpe, não foi minha intenção”.

Senti seu corpo quente contra o meu e não pude dizer mais nada. Sabia que as árvores estavam em seu lugar de costume, assim como os velhos em suas mesas. Ficamos nos olhando por um momento que parecia remeter a eternidade. Ah, e como queria que aquele momento perfeito jamais acabasse. Que aquelas flores agora esmagadas entre nossos ventres criassem raízes jogando ramos ao nosso redor para que nunca mais nos separássemos. Ao ponto de nós também criarmos raízes e fincarmos lugar à beira daquele lago coberto de branco.

Nos beijamos. Assim, como dois desconhecidos que se encontram pela primeira vez e nunca mais se separam. Assim, um entre um milhão de casais. E ali amando e apaixonado, sentindo seu coração bater acelerado e seus lábios trêmulos percebi que nevava, caíam pétalas brancas sim, mas de um jardim muito acima de nossas cabeças.

Ontem mesmo eles estavam aqui.

O sol ainda não havia se posto, mas a casa que antes abrigava uma família já vertia de suas paredes a escuridão e a solidão.

Só, via a penumbra fria em cada cômodo. Andei por alguns quartos, subi e desci as escadas, entrei e saí em especial do quarto de meus pais várias vezes. A sensação de ausência é algo tão ou mais difícil de se digerir do que a morte em si. Quem morre talvez não sinta o fato da perda em si. São os que ficam que precisam lidar com camas vazias, cadeiras não mais usadas ou copos e canecas que jamais verão seus antigos donos. Roupas abandonadas em gavetas e cabides esperando serem usadas, imóveis para sempre. Talvez na esperança de novos donos. Não. Não na casa de meus pais, não com aquilo que pertencera a meus pais. Ninguém tocaria nos livros de meu pai ou nas porcelanas de minha mãe. Nem eu.

Sentei-me ao lado da poltrona de meu pai, mas não fui tolo em esperar que olhando para o lado, de repente, aparecesse lendo mais um de seus surrados livros, às vezes calculando minhas reações com olhos frios por cima de seus óculos de leitura. Vi-me perdido. Chorei. Chorei até minha cabeça latejar, até catarro escorrer livremente para o chão. Chorei com soluços espasmódicos. Chorei sentindo aquela casa agora morta curvando suas paredes sobre mim. Implodindo e afundando sobre o peso de seu próprio silêncio e escuridão. Não abri meus olhos, não havia medo em mim, apenas a certeza de que seria engolido por aquele piso queimado, pela forração gasta, pelas tábuas das paredes envernizadas e agora desbotadas.

De cabeça baixa e olhos apertados, com cotovelos afundados sobre minhas coxas, segurava chumaços de cabelo como se meus braços fossem pilares a sustentar um peso prestes a desabar. Senti as convulsões voltarem, tremia como se estivesse nu na neve. Perdi os sentidos por um pouco de tempo e voltei a recuperá-los. Estava no chão, levantei golfando ar como se afogado, um grito pedia espaço em meus lábios. No tapete feito de leito improvisado, enquanto estive ali por uma fração de minuto, eu reconstruí meu mundo para jamais ser o mesmo. E do chão, daquele dia para o resto dos meus anos, tudo não foi nada mais que uma sucessão de mágoas, não tendo nada mais que a escuridão para entorpecer minhas ideias.

Levantei-me, fui ao banheiro, lavei meu rosto, e refletido no espelho vi um homem seco, amargurando-se como uma fruta que caminha

para o amadurecimento até a podridão. Minha vida havia mudado em um instante depois de meus pais terem sumido, sobre um tapete, coberto por lágrimas.

Havia um homem me fitando do outro lado do espelho. Cercado por luzes mortíferas voltei-me para o tapete onde estivera. Tudo tão congelado. Era assim, a vida passada se congelava no tempo. Andei até a sala, ao pé da poltrona uma mancha de lágrimas. Eu criara um mundo! Meus lábios mal se mexendo. Ainda não posso crer no absurdo ilógico de tal afirmação. Eu me tornara um deus!

Criar supõe dominar? Criar algo, mesmo que dentro de uma dimensão particular, subjetiva, faria de um homem mais do que um simples homem? Será que havia dado um passo evolutivo me distanciando de meus iguais? Seria, aos olhos de minhas criaturas, um ser divino? Criar pressupõe poder?

Hoje entendo quão ingênuas eram minhas divagações. Hoje, amadurecido, maturado pelo tempo quase a podridão, vejo como foram terríveis aqueles segundos que pareceram dias, caído ao pé da poltrona da minha já esquecida casa.

Eu estabeleci os fundamentos de um mundo, e sobre ele recriei o meu eu que repercutiria pelos anos.

Estava eu sobre um chão de terra virgem e fria, orvalhada, coberta de musgo desbotado, afora isso não havia nada mais nas quatro direções que minhas vistas alcançassem. Não fazia frio, calor, não ventava. Ao longe avistei uma escarpa que se projetava, nua, sem vegetação alguma, em direção ao céu. Um céu opaco, triste, como se por um clangor inaudível toda e qualquer beleza houvesse batido em retirada. Jamais me esquecerei daquele céu, opressivo e ao mesmo tempo hipnotizante. Onde me encontrava, só, senti em meu peito a urgência de fazer algo, como um aluno que de repente se lembra de suas tarefas não feitas numa noite de domingo. Como um senhor atrasado para o trabalho mas que não acha as chaves de casa. Olhei novamente ao meu redor e quando ia gritar por socorro de alguém qualquer percebi que segurava algo em minhas mãos, era um chumaço de meus cabelos. Não encontrei razão para crer que estivesse em um sonho, o musgo gelado sob meus pés descalços era real demais. A textura dos fios de cabelo entre meus dedos era tão real quanto no mundo,

diria, normal. E então os fios de cabelo não eram mais fios, haviam se transubstanciados em sementes.

Impelido por aquela urgência, por uma força maior que eu, caí de joelhos. A sensação de prioridade tomou-me por completo. O céu começara a escurecer. Nuvens pareciam querer despencar sobre mim como pedras de um templo ou castelo, gigantes. Comecei a cavar loucamente. Depositei as sementes e cobri-as. Então choveu, água fria e torrencial. Em segundos o céu limpou, dando lugar para um sol gigantesco, impossível permanecer de olhos abertos, o calor veio em seguida. Esperei, continuei de olhos cerrados, ao abri-los uma árvore gigantesca com folhas de um verde acima de minha compreensão havia crescido no lugar em que plantara meus cabelos, que já não eram.

Começaria a dar gargalhadas de todo o absurdo se não percebesse que de minha outra mão, aquela que não se apoiava ao solo, pendia uma grossa corda com um laço bem feito em forma de forca. E na sombra daquela árvore percebi o que ainda deveria fazer. Em um dos seus galhos amarrei a corda, o laço balançava ao sabor de uma brisa que dera as caras.

“Agora sou eu, senhor?”, ouvi uma voz as minhas costas me tirando do torpor e dando-me um indesejável susto, eu ainda apreciava a forca sendo levada de lá para cá como um pêndulo macabro pelo vento.

Vi um homem de roupas simples e compreendi de quem se tratava e o que deveria fazer: uma parte de mim mesmo pedindo a morte. Cheirava a leite, era personificação total e imediata de minha infância que deveria partir, assim como acontecera com meus pais. Tomei-o nos braços com uma estranha força e pus seu pescoço no laço da corda, larguei-o. Enquanto se debatia, em meu peito um misto de alívio e terror fez surgir um suspiro. Suspiro que tomou asas e voou para jamais senti-lo novamente.

Uma sensação de angústia começou a povoar minha mente, apertando minha garganta e enchendo meu coração de um humor negro. Quando as primeiras lágrimas começaram a brotar, uma mão fria tocou meu ombro. Senti alívio novamente e sorri, um sorriso débil e doente. Sabia que era o próximo da fila. Eu construía um mundo. Eu era meu deus, e ele me olhava, frio, de um espelho qualquer de uma casa escura e vazia.

21.

E meus olhos secaram.

E turvou-se meu pensamento.

O suor congelou-se na pele enrugada.

E nada do que fora foi de novo.

O piso branco rachado deixava pequenos filamentos de mato entrarem em meu quarto. Havia pó por todos os lados. Areia dançava em minha frente sugada por pequenos redemoinhos aqui e ali. Eu estava sonhando, sabia disso, a dor me fazia delirar em sonhos que começava a temer mais que a vigília.

Minha esposa estava de pé, de costas para a carcaça do que um dia fora uma janela. O quarto guardava uma estranha escuridão, como se do exterior a noite já avançasse veloz ainda que uma luminosidade cansada teimasse em iluminar apenas o local onde estava minha mulher.

Apertei meus lençóis quando vi que em uma de suas mãos a metade da maçã restante vicejava como um tesouro. Ela me fitava com olhos mortiços. Duas enfermeiras vestidas de um branco amarelado a flanqueavam. Tinham um rosto disforme, sem olhos nem narinas, apenas uma boca larga e sem dentes, com gengivas expostas, babavam e respiravam com dificuldade. O ar parecia pesado, carregado de uma opressão que rasgava minha garganta e buscava aconchego em meus pulmões.

Minha esposa continuava em silêncio. Todo o hospital parecia um cemitério decrepito e abandonado. De repente ela retirou sua dentadura e a jogou no chão, fazendo caninos e molares quicarem livres da prótese. Em tudo isso eu permanecia praticamente sem respirar. Um morto que via. Placidamente ela abriu absurdamente sua boca e enfiou goela abaixo a metade da maçã já em um avançado estado de decomposição. Então as enfermeiras falaram em uníssono, “uma vida por uma vida, a maçã da morte que vivifica”. Tomaram ar, com suas bocarras escancaradas fazendo um som sibilante diferente de tudo que já ouvira, e gritaram, gritaram até fazerem minha carne bater em meus ossos.

Eu não conseguia fechar meus olhos, não podia. Vi minha amiga, minha companheira se engasgar com a fruta e diante dos meus olhos e da presença daquelas seres cair convulsivamente no chão, tremendo

enlouquecidamente, batendo pés e mãos como um peixe que buscasse uma mínima poça de água quando então cessou, ficando imóvel de barriga para baixo. Eu não sabia onde estava nem quem era, podia perceber a loucura tomando conta de minha alma. As enfermeiras sem rosto chegaram perto de minha cama, tinham o hálito podre.

“Uma vida por uma vida, a maçã da morte que vivifica”, repetiram quase ao pé de meu ouvido. Então fechei meus olhos forçando todos os músculos da face para que se deslocassem e cobrissem com pele e músculos meus globos oculares, eu queria ficar cego, estava apavorado. No mesmo instante pude sentir suas mãos geladas tateando por debaixo de meus lençóis tentando tocar meu flácido pênis. Então gritei, como não fazia há muitos meses. Gritei até minha garganta arder como se tivesse bebido uma garrafa inteira, de uma só vez, de uísque. Estava exausto quando abri meus olhos e me vi só em meu quarto intacto.

Quanto fôlego tem um pulmão até chegar a exaustão? Eu não sabia, mas tive uma certa noção quando ao olhar para o lado, na cabeceira da cama, vi que não havia mais resquício algum de maçã alguma. A metade se fora. Não fora um sonho. Então gritei novamente, gritei até desmaiar e sentir as marteladas de meu coração estranhamente se modificarem.

22.

“Não lhe direi aquilo que sei, mas aquilo que não sei”.

Essas palavras estalaram, ecoaram em meu cérebro. Distantes e ao mesmo tempo tão próximas, embrulhadas em uma voz masculina e neutra, nua de qualquer forma de sentimento. Saí de minha letargia consciente e da materialidade paralisante para algo atemporal e etéreo. Aos meus sentidos tudo se parecia tão real quanto a própria vida que comecei a deixar finalmente, e sem alguma estima, quando toquei a ponta de meus pés no piso morno.

Era mais do que ordinariamente acordar de um sonho. Senti como se inversamente à realidade, pela primeira vez em minha existência pobre e doente, eu tocasse algo. Como se a planta de meus pés estivesse enviando, pela primeira vez, pelos canos enferrujados nunca usados de meu sistema nervoso os estímulos referentes ao tato que meu cérebro finalmente os conheceria e interpretara.

Um milagre, enfim eu sentia! Meus olhos viam e meus ouvidos ouviam o silêncio em acordes coloridos flutuarem diante de mim em uma variante de luzes prateadas que rodopiavam em pequenas notas mudas. Eu sentia, pelos deuses, enfim podia ver. A realidade veio e me abraçou e me beijou e sussurrou em meus ouvidos a palavra “vida”. Sim. Ergui-me sem tubos ou fios a me amarrar, sem dor, sem medo. Eu havia morrido? Mas a vida verdadeira agora se abria como as plumas multicoloridas de um enorme pavão, com seus hipnóticos ocelos a cobrir-me. Comecei a andar por meu quarto, pulei e dancei até sentir o salgado sabor do suor tocar meus lábios, deixei gotejarem em minha língua sã e os engoli com minha garganta sã como se fossem gotas de mel, a panaceia em sua plenitude.

De olhos fechados e exausto de brincar – há quanto tempo não fazia tal coisa? – sentei-me no piso morno e aspirei engolindo golfadas de um ar doce e primaveril. Parei, volvi minha cabeça na direção da cabeceira de meu leito, mas não havia nada. Maçã, cama, cabeceira e os demais móveis haviam desaparecido. Estava só, mas sentia-me povoado por milhões, rodeado por cores, sabores, sensações. Então meu coração retorceu-se em meu peito. Minutos ou horas, talvez dias antes, minha orientação espacial e temporal me abandonara por completo, havia presenciado o pavor extremo na visão aterradora da morte de minha esposa. Mas agora isso realmente importava? O ar se encheu ainda mais de doçura, e no mesmo instante soube o que viria e o que deveria fazer. Pus-me de pé e fui em direção à porta de meu quarto. Estendi o braço, toquei a maçaneta quente, girei-a e puxei a porta do quarto vinte e sete. Logo o corpo deste velho, morto, vivo, viúvo, casado, doente e curado se encheu de luz, como se preenchido por bilhões de pequenas luminárias. Chorei de olhos fechados por um tempo, então abri-os.

Macieiras. Um pomar gigantesco e verdejante de macieiras até onde a vista poderia alcançar. Por que será que não me espantei? Estavam perfiladas em linha reta, uma após a outra, permitindo um espaço de não mais que dois metros entre uma fileira e outra, era onde me encontrava. O

sol era forte, a brisa fresca. Estranhamente não havia sombras, nem frutos. Os sentidos que antes haviam sido levados a uma bela exaustão agora normalizavam gradativamente, de pés descalços podia sentir a areia e o musgo vertendo água, uma serração baixa umedecia tudo. Silêncio.

“Enfim”, virei-me e vi um homem de terno, bem-vestido, sentado no chão, recostado em uma das árvores, tendo no colo um livro. Assim como eu sem sapatos. Levantou-se com um sorriso leve no rosto e com uma quase imperceptível mesura concluiu, “bem-vindo”.

Senti meu baixo-ventre despencar, em outra ocasião teria molhado as calças. O terror me abraçou, “não, de novo não”, fiz menção de fugir, olhei para meus pés e estavam cobertos de musgo, colados ao chão por uma relva fina, verde e gelada até os tornozelos. Estava em qualquer lugar, preso diante de um homem qualquer, sem rosto, olhos ou nariz. Trajando um terno e com uma bela voz.

“Não grite, meu caro. Embora à primeira vista não possua um aparelho auditivo visível, posso lhe garantir que ouço muito bem, e ademais tenho uma demasiada aversão a gritos, especialmente humanos”, sua voz tão pacífica e ao mesmo tempo tão impositiva me desarmou de qualquer reação, inclusive de gritar, eu já me sentia um pouco patético com toda a gritaria que brotava ultimamente de minha garganta sã. Ele permanecia de pé com seus cabelos negros bem aparados e brilhantes, usava alguma espécie de gel ou goma para assentar cada fio, como um autêntico galã dos anos vinte. Sua face era pálida, um belo contraste com seus cabelos, divididos em partes desiguais com um sulco muito benfeito a separar o lado maior do menor. Como já percebido em toda sua face, apenas uma boca, mas com dentes alinhados e tão brancos quanto seu rosto, sua gengiva parecia descolorida, em outra ocasião e em outro mundo, sabe-se lá, diriam que possuía anemia.

“Sabe, estive esperando-o, por que demorou?”, cada frase sua era uma lufada de perfume, e eu ainda permanecia sentado, com os braços rijos apoiando meu corpo para não despencar de vez. Sentia-me a quilômetros de distância do homem que me olhava do alto com sua expressão indecifrável. Não haveria visão maior da “ideia mestre e discípulo” do que a situação em que me encontrava.

“Eu morri?”, foi o gemido que saiu de meu peito ofegante, apavorado.

“Oh, pergunta padrão dos humanos”.

“Onde estou, no céu ou no inferno?”

“Oh, pelas vindimas da primavera! Vocês todos possuem essa mesma visão da existência? Tão dualística! Você passou por experiências e vivenciou dores tão atrozes e após isso tudo em se sentindo bem me vens com perguntas de tão pequena importância. Que diferença faz onde estás ou como estás ou quem eu sou. Mas já lhe adianto que de mim nada posso dizer senão que aqui estou, como de ti que sentado aí estás”.

“Eu só quero me situar. Devo temê-lo?”, parecia que o som já desgrudava de minhas entranhas com maior facilidade.

“Exatamente, meu velho. Este mundo não depende de certo ou errado ou bom e mau, mas sim da subjetividade operando sobre a objetividade, jamais o oposto.”, disse-me abrindo um sorriso de contentamento, apontando um dedo para mim e com a outra mão fazendo um movimento de semicírculo em direção ao infinito. Dito isto o dedo antes em riste se abriu em uma mão amistosa me convidando para ficar em pé, ajudou-me a erguer-me e pude ver quão belo era o lugar, mais uma vez.

“Acho que faltei a esta aula”, argumentei enquanto ele se afastava de mim, por sobre o ombro pude ouvir seu convite para andarmos.

“Não me canso de ver este pomar”.

“São realmente belíssimas árvores, tudo aqui parece um sonho”.

“Longe, muito longe de um sonho, isso posso lhe afirmar”, falava com um vistoso contentamento em seu meio rosto. “Eu falava sobre a subjetividade, certo?”

“Exato.”

“Pois bem, me diga o que você vê e sente, agora, nesse momento”.

“Bem, me sinto confortável, não sinto dor, voltei a falar, parece que estou curado ou algo assim”. Ele apenas ouvia seriamente como um professor a analisar um de seus alunos em um teste oral. “Não sinto que isto seja um sonho, embora algo pareça fugidio, quase onírico. O tempo parece passar de forma anormal, se é que passa. Se tivesse um relógio apostaria minhas calças que os ponteiros estariam parados. Para onde olho vejo verde, é um pomar sobrenatural, não se encontra tal no mundo de onde vim, se é que vim de algum lugar”.

“Por que diz isso?”

“Nunca vi tantas árvores juntas e com tanta similaridade entre elas, parecem cópias ou...”.

“Não, não. Por que você diz que não sabe do lugar de onde veio?”, interrompeu-me com rosto fixo no chão e uma das mãos coçando o queixo quadrado. “Meu velho, você sabe quem é e quem lhe trouxe para cá?”.

“Ora, eu sou... estava em um... minha...”.

“Era o que temia”.

“O quê?”

“Precisamos andar depressa com seu entendimento sobre este lugar, creio que você já começou a sentir os efeitos da *fossa da alma*. Este lugar é brutalmente afetado pela mais singela visita. E revida atacando no inconsciente do corpo invasor...”.

“O que você disse!?” , parei gelado e sentindo o cheiro de iodo de uma clínica qualquer invadindo meu consciente. Cambaleei de encontro aos seus braços e o mundo escureceu.

23.

“Todos algum dia morrem. Não há como escapar, há?” – indaguei ao meu anfitrião.

Mundo pérfido. Mundo que tinha certeza habitar apenas meus pesadelos. A fossa! Sua breve verborragia apenas maquiou o óbvio, estava morto, como advertira meu pai um dia em meio ao gorgolejo de um afogamento. Havia recobrado minhas lembranças, mesmo que meio turvas. Vieram como uma avalanche, de uma vez só, e machucaram. Encontrava-me deitado com a cabeça sobre o colo daquele homem. Eu tentei ver seus olhos. Tentei ver qualquer mínima alteração em sua fisionomia que me dissesse que ele estava me olhando e não dormindo. Observei por minutos, talvez horas seu vulto na busca quase excruciante de qualquer e menor modificar de uma simples curva de uma única linha facial. Desisti, e como se soubesse de meu infrutífero esforço, sorriu.

“Não era o que você buscava?”, era, ou foi. Meu coração doía e sangrava. Confusão, vergonha. Moscas esverdeadas zunindo desaforos zombeteiros dentro de meu crânio.

“Já ouviu falar que a vida, o existir, se renova a cada novo dia? Deveras, creio eu. Bem, ao amanhecer, vocês humanos são como crianças a

se balançarem num balanço, de cara inocente para a vida, sentindo sua brisa. A tarde, sentados tão cheios de conveniências, como adultos em um jardim qualquer, veem o sol queimar vossas esperanças, algumas escondidas em bolsos ou amarrotadas em alforjes. Discutem empedernidos o que era, o que há e o que virá, como se donos do dia que não para de avançar, das sombras a se alongar.

Na noite, despedida da claridade, perambulam alquebrados na busca pelo leito mais próximo. Resmungando uns aos outros demências que dantes já foram chamadas de filosofias até se calarem e ditosamente morrerem, secos de virtude como cana seca e rachada.

Mas então uma nova manhã se avizinha. Prantos de recém-nascidos podem ser ouvidos pela grande casa chamada mundo. Tornam a crescer em sintonia com a alvorada que despejam em vossos olhos a claridade para mais uma curta e enfadonha peregrinação.”

Já me encontrava recostado ao seu lado em um tronco de uma das macieiras, minhas lágrimas molhavam meu rosto. Mais pelas lembranças de meus pais, de meus amigos, de minha mulher que morrera para eu viver. A dor não era mais carnal, vinha da alma, embotava minha mente de recordações, de tantas saudades.

“Enfim, meu velho. A vida é tão frágil quanto a névoa que há pouco escondia nossos pés. Uma névoa que uma lufada de ar aniquila por completo. É como uma folha que despenca do auto de uma árvore sendo levada pelo vento. Em sua curta queda ela se propões filosofias, axiomas, complexos teoremas, aforismos e questionamentos infundáveis, só para enfim tombar seca na areia e servir de adubo para grandes arbustos, que por fim, são o que realmente importam. Novas vidas”. Suspirou e levantando-se, abriu os braços para espreguiçar-se.

“Assim sendo, não leve, digamos, a vida tão a sério, e faça um favor a si mesmo: esqueça a morte. Vocês homens aumentam substancialmente suas dores preocupando-se com o fato dela existir, e pior, fazer parte de vosso dia a dia”.

Não havia nada que fosse dito ou ação cometida que não ecoasse de forma imediata no espaço agora habitado por mim. Tudo se encaixava num tipo de gigantesca simbiose entre o desconhecido sem face, eu e o lugar conhecido como fossa. Um sorriso mútuo e nuvens baixas caíam, um olhar de espanto e um gélido chão tomava corpo. Quando então ele surgiu

de entre as árvores um céu pesado como granito, frio como gelo caiu sobre meus ombros. O peso de tudo me fez encurvar como um velho com artrite que fora em outro mundo parecia há muitas décadas.

“Acho que tenho um diálogo menos enfadonho a lhe propor, meu velho”, disse o homem com rosto conhecido, eu já o havia visto, fora meu médico substituto. Tremi. O olhar de ambos a se fitar, embora meu anfitrião não possuísse olhos, mostrava que já se conheciam.

O sorriso de meu ex-médico se alargou em dentes pontudos e amarelados, olhos faiscantes. Meu novo amigo se empertigou, mas continha um semblante impassível. Estando entre ambos, senti-me um juiz de boxe pronto para dar o sinal do primeiro assalto. Entretanto, isso passou apenas de uma visão distorcida da cena. A luta era travada no invisível, suponho em algum tipo de mentalização ou algo assim. Não havia vento, frio ou calor, apenas um céu cinza e opressor. Encaravam-se, e eu, no meio de ambos, não conseguia me mexer. Estava atônito com tudo, fluía de cada molécula daquele lugar uma eletricidade, uma carga atômica que poderia facilmente suplantar mundos e constelações, um lugar a se estudar, um lugar para se fugir eternamente. Sabia eu que cedo ou tarde tudo desaguardaria em mim, estranhamente sabia que eu era o centro onde tudo orbitava como satélites bizarros.

“Agora me lembro”, disse com os olhos fitos no chão coberto por musgo.

“Péssima hora para saber de onde viestes, meu velho, quando o que importa é para onde vais logo mais”, disse o “dentes amarelo”. Então deu-se o debate do qual gostaria nunca ter ouvido.

“O que fazes aqui?”, perguntou o anfitrião do pomar.

“Ora, voltei para casa, irmão”, respondeu com demasiado sarcasmo no rosto.

“Pensei que depois de teres ido para onde somos impedidos de ir jamais voltasse, ainda mais com a petulância de me chamar de irmão”.

“Sim, eu sei. Cometi um erro em tentar trazer de volta daquele lugar o que antes deveria permanecer apenas aqui. Ao menos tentei. Busquei pelas maçãs perdidas, vi-as e quase pude tocá-las, mas subestimei o mundo deste velho. Forças que não entendo me inspiraram ao erro, parece uma regra por lá, sempre. O erro se esconde atrás de cada ação e palavra neste mundo de sonhadores. Falhei”, disse ele enquanto limpava as mãos no jaleco amarelado como se houvesse pó, “mas tentei”.

“Tentativa falha ou não o que foi daqui para lá era para ter sido assim. Assim aconteceu e nada poderia mudar isso, como agora você bem deve saber”.

“Sim, sim. Admito que aquela realidade me surpreendeu. Tudo aconteceu de certa forma opaca para mim, naquele lugar tudo parecia estar em um nevoeiro denso e sem sentido”, cuspiu no chão. “Jamais ponho meus pés naquela pocilga novamente”.

“Pocilga ou não você deve responder por este ato descabido e insensato”.

“Não devo nada!”, e no brado rouco com punhos cerrados um trovão rasgou o céu empedrado, tornando o dia menos dia. “Nã o devo nada a ninguém. Aquelas frutas nunca deveriam ter parado ao lado da cama deste velho ingrato que jamais fez nada que poderia se intitular de auspicioso. Não amou. Não desejou viver. Foi um fardo para todos que encontrou durante sua vida. Olho para ele e só vejo ódio e mágoa”.

“Devo recordar-lhe de que não é você quem decide”, o homem sem rosto mantinha a calma. O dentes amarelo gritava e espumava pelos cantos da boca, e começava a me fitar. Então comecei a realmente ouvir o que antes parecia uma encenação teatral particular.

“Você cometeu um erro grave indo atrás das maçãs, repito”.

“Fiz o que deveria ser feito. O que você deveria ter feito. Esse velho maldito não merecia tal graça”.

“Mas volto a repetir, não é você quem decide”.

“Eu sei, eu sei, Mas está feito. E agora este velho veio até nós. O lugar apenas nosso, nosso lar, visitado pela loucura em carne e pus”.

“Irmão, as frutas não são nossas. O destino delas não nos compete saber ou mesmo questionar. Este lugar, este pomar nem sequer é nosso”.

“Eu não aceito”. – mais um trovão e uma pequena gota de chuva caiu sobre a terra seca já sem musgo algum. “Eu não aceito. Eu não aceito. Eu não...”, e repetindo sem parar dava voltas em torno de si como se falasse para uma plateia que o cercava em um anfiteatro grego. Seu irmão quis se aproximar, mas ele mais se afastava. A chuva começava a tomar corpo, fria. O dentes amarelo continuava em seu monólogo enquanto meu anfitrião falava algo que o trovão encobria. A chuva tornou-se uma tempestade. A noite vinha rápido. E eu cada vez mais me sentia só, molhado e confuso.

E numa frase, de repente, tudo se fez loucura.

“Você não o aceita aqui. Mas quem é você para decidir quem dorme?”, silêncio.

“Como assim quem dorme?”, perguntei no momento que a chuva cessara. Meu anfitrião percebeu. Eu percebi. Seu irmão percebeu com certo deleite que ele havia aberto o livro de respostas, inadvertidamente. Levantei-me com as pernas cobertas por lodo seco e repeti minha pergunta. “Como assim? Quem está dormindo?”.

“Ora, ora, ora, você não disse como ele veio parar aqui, irmão?”

“Por favor, não faça isso!”, implorou o anfitrião.

“Então ele não disse a você?”, seus olhos faiscavam com um doentio contentamento.

“Disse o quê?”.

“Pobre alma viajante, errante entre mundos”, aproximou-se de mim, ajoelhou-se em um só joelho, tomou minha mão como se fosse me pedir em casamento e atirou minha alma em um desfiladeiro sem fundo:

“Você está em coma, meu velho”.

24.

A inexistência é tão fria. Não há calor que faça diferença. O ser, enfim, é só mais um mau agouro.

Tenho noção de minha inutilidade. Entre penumbras que não se vão com o tempo, sombras de minha descartabilidade. Um devir do não ser, da falta de propósito palpável.

Um sol nasceu entre nuvens prateadas, seu calor é frio, sua claridade opaca.

A história não notou minha passagem. Meu ingresso não foi averiguado nesse vagão cheirando a velhice constipada, presa, estática, atirada nos assentos vazios. Trem vazio, sem condutor, sem rumo.

Pesadelo de sonhos leves e tardios, tardios demais para serem percebidos.

Devaneio nas sombras de um sol cuspiendo entre vincos de nuvens, filetes tristes de raios que não iluminam, que nunca aquecem e que jamais foram. Nada jamais foi... até agora.

Não desmaiei apesar de minha mente dar voltas ligando passado e presente, lá e aqui, dúvidas e certezas em um mesmo balaio roto.

Os dois entes estavam de pé um ao lado do outro. Observavam com morbidez visível qual seria minha reação. Nos olhos do dentes amarelo um sorriso de escárnio. No outro um rosto que se desvanecia em tristeza. Desde quando eu estava em coma e tudo o mais se tornou, naquele lugar e momento, secundário? Então fizeram sentido as palavras de meu anfitrião buscando furtar de minha mente a ideia dualista de vida e morte, céu e inferno. Afinal, tudo se resumia a um velho ainda preso a uma cama hospitalar, num estado de semivegetal. Mas havia uma questão mais dura a se ponderar. Quase lunática. Estaria eu inconsciente em um corpo senil, de um jovem ou talvez de uma criança? Fechei meus olhos. Jamais ousei responder tal pergunta.

Um quase morto envolto em uma falsa lucidez. O sol brilhava, apagando-se aqui e acolá por nuvens fofas, projetando sombras sobre um ser frio, gelado, como bem fazia em estar, como um defunto.

Aquele lugar era bizarro, maravilhoso e indecifrável. Meus olhos racionais custavam a se acostumar a toda falta de lógica que reinava absoluta em cada folha, gota de chuva e grão de areia deste novo escaninho. Talvez pela primeira vez desde a morte de meus pais me vi tão perdido e completamente sem chão. Senti-me de volta àquela ponte, aquele carro sendo levado por um turbilhão de águas e pensamentos. Vi-me novamente com medo, um medo que não podia processar. Então percebi novamente que fitava meus pés descalços sobre um musgo verde e frio. Musgo este que ia e vinha conforme o bel-prazer do lugar. Ergui meus olhos e voltei a fitar os dois seres olhando-me em uma opressora sintonia. Não falariam nada enquanto eu mesmo não dissesse algo. Naquele instante até mesmo as árvores pareciam esperar minha reação. Silêncio.

Agora, só, a tristeza é indefinível. De onde veio, como chegou e quando se vai é mais que mistério, é vácuo silencioso e palpável. Virei refém de um veículo em uma noite negra e fria. Sem freios, farol ou condutor. Minha cabeça dói, como dói, meu Deus. Assim estou na cama daquele hospital.

“Tudo isso são delírios de minha mente? E vocês também fazem parte desta... desta loucura?”, resmunguei. Olhei atentamente e vi dois “eus” em pé, duas perfeitas cópias de mim mesmo perscrutando minha alma. O reflexo de ambos projetava meu rosto cansado e coberto de rugas, um raivoso, outro plácido. A realidade perdeu a razão, e como na morte de meus pais, vi-me replicado. Essa insanidade toda de repente me golpeou, adentrou fundo minha mente, o véu que cobria meus sentidos despencou e pude ver tudo, enfim. O extraordinário me disse olá e seu hálito era podre como carniça de milênios de maturação.

Prendi um riso louco.

“Fui tolo em achar que havia encontrado um tipo de paraíso ou repouso. Minha razão sempre esteve léguas de minha lógica. Por fim sempre ocorreu de falar comigo mesmo. Vocês são eu mesmo!”, e num instante havia três velhos parados em meio a um pomar de maçãs. Houve um silêncio que pareceu se prolongar por horas. Olhávamos como numa sala de espelhos.

“Por quê?”, supliquei.

“Você começou tudo. E tudo que tem um início tem um fim”, respondeu-me meu anfitrião, afinal, eu mesmo.

“A fossa, eu construí, mas jamais pensei que existisse de verdade. Você – e apontei para o eu anfitrião –, toda sua verborragia não foi nada mais que...”.

“Você falando consigo mesmo”, completou.

“E você?”, perguntei para o eu de sorriso amarelo.

“Ora, meu velho, sou seu maior sonho. Aquele que você jamais permitiu adentrar na fossa para dar fim. Sou seu desejo mais escancarado, todavia mais vilipendiado por aqueles que forçadamente te amaram. Sou você mais que você mesmo. Sou o sonho de sua existência desde que lhe ajudei a plantar a árvore na fossa, após a morte de seus queridos pais. Sou seu caminho, sua direção, seu anseio primordial. Eu sou sua ânsia louca de morrer”, seus dentes brilhavam de contentamento pela revelação paralisante – “sua morte pronta à sua disposição, meu velho”.

“Você é a morte. Minha morte”, e desta vez meus pulmões ficaram cheios de algo parecido com água, cheios de um humor líquido e asqueroso que jamais desvendei, mas que me fizeram permanecer de pé, firme como uma tora de Carvalho que não se abala pela violência do vento.

“Escute homem – e agora falavam em uníssono como em um desfalcado coral, porém bem ensaiado – todo este mundo cresceu depois que você plantou a primeira árvore. Agora, diante de você, há dois caminhos: à sua direita, entre as árvores, esta malfeita picada te leva ao platô que você muito conhece, à força e à realização de seu tão almejado sonho”. “A sua esquerda esta pequena trilha te leva ao imponderável. Para algo que nós mesmos desconhecemos e que, a grosso modo, reflete um lampejo e algo que ainda persiste em lutar contra você. Algo que ainda vive dentro de sua própria mente, em um recôndito esconderijo que ninguém, talvez até mesmo você, pode ver. Enfim, como sempre foi e continua sendo a escolha é sua”.

E num piscar de olhos não havia mais ninguém, encontrava-me só. Então percebi que falava comigo mesmo. Não duvidei se desde o começo de toda essa discussão e devaneio eu estivera sempre e totalmente sozinho.

25.

Uma profusão de perguntas emergia em meio à loucura da situação. Tentei ignorar todas elas. Afugentei-as.

O lugar com aquelas macieiras perfumadas era prazeroso. Estar ali era prazeroso. Por mais estúpido que pudesse parecer esse raciocínio ou sentimento. E isso era tudo que me importava no momento. Mas afinal, o que eram aquelas maçãs? Por que tudo isso comigo? Será que todos os que morriam passavam por este mesmo lugar? Talvez para alguns não seriam, enfim, macieiras, mas um laranjal ou um deserto, quem sabe uma geleira. Uma floresta tropical? Eu elucubrava lutando para não permitir que meu deleite se transformasse em loucura, embora a insanidade fosse a última caverna onde eu fosse habitar naquele lugar.

Os dois homens, os dois eus. Ambos falavam o que estivera sempre empanturrado dentro de mim. Um eu demasiado racional, beirando em suas palavras o incompreensível, o outro um louco ansioso pela morte.

O silêncio doía em meus ouvidos. Não havia brisa. Não havia nenhuma outra forma de vida senão aquelas talvez milenares árvores. Talvez estivesse realmente preso em um tipo de limbo. Sentia-me calmo apesar de tudo isso. Como me fora dito, eu tinha uma espécie de escolha. A força, sim, comecei a andar em direção a ela.

Pois afinal qual fora meu maior desejo desde os tempos que já não me lembrava mais senão a morte? E lá estava ela, meu destino. Eu criara tudo isso e sabia, que com minha morte, talvez essas frutas despencassem de uma vez só, apodrecidas, carcomidas em um instante por centenas de larvas. Esse céu tombaria como chumbo e revoltado deflagraria uma torrente de caos que aniquilaria toda vida nesse lugar de ninguém.

Comecei a rir por ser tolo em escutar a filosofia de meu amigo e acreditar por um instante que havia uma alternativa à vida. Falei de algo sem sentido para mim mesmo. Comecei a gargalhar enquanto meus olhos iam se enchendo de lágrimas. Ri alto. Despejei os sentimentos guardados em lugares obscuros em forma de lágrimas e baba que escorriam por minha barba já crescida. Meus pés me puxavam em direção à força. Parei e caí de joelhos, não havia mais força em qualquer músculo meu:

“Então é assim que tudo acaba?”, disse. “Eu quis a morte, sim, pois a vida se tornara pesada demais para eu carregar. Odiei o mundo, pois ele antes de mim me odiou”, gritei agarrando meus cabelos com a força que ainda me restava até minha nuca latejar de dor. “Pais, amigos, esposa, eu... Todo um grande balé de bestialidades. Pantomima de uma falsa vida, sufocando o que sempre existira de mais precioso em mim. A única coisa que me prendia ao dia a dia de uma vida insípida: meu universo de ideias. Minha filosofia. Ali eu sempre me senti um deus. Um deus capaz de criar...” Um lampejo como relâmpago. “... e destruir!”.

Levantei-me e comecei a correr em direção ao platô onde estava a árvore com a força.

O pomar findou, se abriu em uma clareira e lá estava, a fossa. Desci o pequeno penhasco até estar cara a cara com minha criação. De repente senti-os. Os dois surgiram e se puseram um de cada lado. A corda balançava como que me convidando. Um pêndulo maldito. Ali eu matara meus bons e maus sonhos, e daria fim a mim mesmo.

Eu havia dito pela boca de meu anfitrião, “Não lhe direi aquilo que sei, mas aquilo que não sei”. Sim. Eu pensei que sabia, mas não.

Realmente eu sabia exatamente aquilo que não sabia. Sim, minha vida havia sido assim afinal.

Nunca havia dito aquilo que sabia, pois em meu âmago jamais o soube. Vivi proferindo aquilo que não sabia sobre tudo, por fim, pensei que sabia, mas não. Gritei por anos que me conhecia e o que queria, mas estava errado. Nunca soube de nada.

Era chegada a hora de dizer aquilo que não sabia. Olhei para o eu de dentes amarelo que fitava a força. Era hora de fazer o que não sabia, o que jamais entendera, o que jamais negara e sempre desejara e aceitara. Era hora de morrer.

26.

Saltei sobre ele agarrando sua garganta com minhas duas mãos. Tinha mais força que ele e senti de imediato, embora enfraquecido por todas as terríveis circunstâncias. Sua reação foi patética, deu dois passos para trás e caiu, embasbacado, seu rosto contorcido de pavor e incredulidade. Estava sobre ele, montado sobre seu ventre. Ele lutava para se desvencilhar de minhas mãos que como garras buscavam continuamente seu pescoço. Como em uma espécie de luta greco-romana imobilizei seus braços com meus joelhos. O peso de meu corpo sobre seu tórax fazia-o arfar. Suas pernas raspavam o chão seco e faziam arcos débeis no ar buscando um ponto de apoio firme para a fuga, mas o socorro não viria. Não desta vez. Eu o detive, e percebendo que a luta fora perdida sossegou.

“O que você... você está fazendo... velho?”, gritou em fúria.

“Só aqui, no meio deste lugar criado por mim, em um espaço e tempo que desconheço, longe do mundo em que vivi, pude entender quem sou e o que devo afinal fazer”.

“Saia de cima de mim, precisamos conversar”.

“Não. O tempo das conversas e divagações termina aqui. Chega de elucubrações, filosofias moribundas e ideias caducas”.

“Não diga isso, meu velho...”.

“Basta! Pare de me chamar de velho”, puxei-o para próximo de meu rosto até poder sentir seu hálito nervoso, “seu velho!”.

Ergui-o do chão e naquele instante percebi que o fim começara. Suspendi-o pela garganta até a altura do laço com apenas uma de minhas mãos, de repente havia em mim uma força desproporcional. Com a outra mão encaixei seu pescoço na forca. No momento em que minha cópia existencial ia fazer sua última súplica soltei-o e por um momento minha garganta latejou. Afastei-me alguns passos, pois a cena me assustou deveras. Ele não se debatia como outros que eu já vira experimentar a forca. Ele puxava, arranhava e rasgava a pele de seu rosto. Com uma mão furou os olhos, com a outra tentava desesperadamente arrancar sua língua. Tudo se passava rápido, com uma violência bárbara. Dentes sendo arrancados, cabelos em tufo sendo carregados pelo vento que agora soprava. Havia pele pendurada do que antes fora suas bochechas. No chão uma pasta disforme de sangue, urina e fezes se acumulava. Quando pôs suas duas mãos dentro da boca virei meu rosto e escutei o estalo de sua mandíbula sendo quebrada. Golfou sangue emitindo um som que eu jamais ouvira. Estava de costas para ele e de frente para meu anfitrião.

“Acabou”, disse-me com os olhos marejados. Então ocorreu-me um velho poema de um antigo poeta que meu pai certa vez recitara.

Pois não seria a corda a tirar o suspiro final do peito do miserável. Deve-se a gravidade a culpa pelo fim da vida. O que ocorre não é um suicídio, na verdade a gravidade é homicida e jamais culpada.

“Aqui não há gravidade”.

“Que seja”, não havia culpa alguma sequer roçando parte alguma de meu coração.

Começamos a voltar para o pomar de maçãs. Sentia um misto de paz, tensão e alerta. O silêncio continuava.

“Por que maçãs?”, perguntei novamente, minha cabeça não assimilara tal misterioso plano que consistia em uma vida pela ingestão de frutas.

“Por que não?”.

“Por que tudo isso comigo?”.

“Por que não com você?”, caminhava olhando fixo para frente, assim como eu.

“Jamais vou saber as respostas a estas e outras muitas perguntas, não é?”.

“Saber ou não saber, isso realmente importa?”.

Comecei a rir.

“Qual a graça?”, disse ele.

“Bem, nenhuma, tirando o fato de que estou questionando a mim mesmo. Sendo assim, você sabe, ou não, porque eu mesmo não o sei”.

“Exato. Você já entendeu tudo, não há mais o que fazer aqui”, e dizendo parou de andar.

“Como assim, para onde vou? Pois agora compreendo que estou deitado naquela cama, em coma”.

“Por favor. Seu pior ‘eu’ lhe fala e lhe imputa todo mal e você não só aceita mas crê em suas palavras?”.

“Agora você fala em mal e bem, verdade e mentira. Desistiu de sua visão antidualística?”.

“Não, meu caro, você desistiu”.

Sorri de esguelha e retomou a caminhada. Fiquei alguns passos para trás e acompanhei-o.

“Se não estou morto, tão pouco vivo ou mesmo em coma, onde estou e como estou?”, as palavras saíram de minha boca mais como um clamor do que como uma pergunta. Estava exausto, eu só queria um fim para tudo isso.

“Olhe lá”, apontou para uma casa de madeira com janelas brancas.

Uma varanda com assoalho de tábuas bem envernizadas tomava toda sua frente e escadas com exatos cinco degraus ligavam a estradinha de pedras pretas, que serpenteavam entre lírios, com a varanda. A porta estava fechada, mas pude ouvir de longe vozes que escapavam de seu interior.

“O que é isso?”, perguntei.

“Uma casa vermelha com janelas brancas”.

“Isso eu posso ver, mas o que significa?” “Você acha mesmo que tudo precisa de um significado, não é? Não lhe basta o existir apenas pelo existir? Além do mais, sei tanto quanto você, agora o caminho é seu”.

E então me vi só.

27.

Olhei ao meu redor, maçãs incontáveis em inumeráveis macieiras, todas elas tomavam com pujança o cenário daquele lugar. Ao se aproximarem da casa paravam sua marcha vermelha e verde. Não havia cerca circundando a casa. Um grande pátio aberto coberto de finas folhas de grama bem aparadas contornava a casa, fazendo separação entre ela e o pomar.

A estradinha de pedrinhas pretas fazia um zigue-zague entre belos arbustos de flores, lírios brancos, rosas vermelhas e outros tipos arbóreos que não pude identificar. Sabia que devia continuar caminhando rumo a casa. Meu coração batia acelerado, seria mesmo meu coração? Fui adentrando o pátio.

Os seixos perfeitamente redondos, pareciam manufaturados. Se tomasse alguns em minhas mãos, com certeza não acharia defeito algum em sua redondeza absurda. Sentia-os na planta de meus pés, massageavam com delicadeza a cada passo. Com as mãos rocei com extremo cuidado e deleite os lírios enquanto andava. Um doce perfume emanava de todo lugar, me rodeava, me inebriava a alma.

Ao pé da escadinha vacilei. Temi pôr o pé no primeiro degrau, pois sabia em meu íntimo que não haveria mais volta. Mas toda minha vida não havia sido passos sem volta?

Primeiro degrau. O que um dia movera minha existência agora pendia em uma árvore.

Segundo degrau. A morte que tanto desejei como um amante que espera encontrar sua amada seminua ao pé da cama com olhos apetitosos e maliciosos, uma mão estendida com unhas escarlates lhe convidando para coabitar finalmente e fatalmente para sempre.

Terceiro degrau. O que viria dali em diante já não importava mais, havia acertado as contas comigo mesmo.

Quarto degrau. Um cheiro de maçãs, de novo, porém diferente.

Quinto degrau. Mesmo se ao entrar na casa eu acordasse de um detestável e ainda assim amável sonho teria valido a pena. Minha estadia naquele pomar, com aqueles seres, com meus outros eus, com tudo que vi e fiz, enfim, tudo fora minha vida. Afinal, a vida não termina quando se morre, agora eu tinha a mais arguta certeza.

Na varanda percorri sua extensão até a porta da casa. Enfim sabia o que me era devido saber e nada mais além. Toquei a maçaneta com dedos enrugados e frios, murmúrios. Não era um simples cheiro de maçã, mas de uma deliciosa torta da fruta, como minha mãe uma vez fizera e minha esposa depois dela.

Girei a maçaneta com mágica facilidade e abri a porta. Luz.

Luz como de um milhão de lâmpadas, lampiões e vaga-lumes recheados por um sussurro feliz.

“Não lhe disse?”- falou uma voz feminina – “Ele chegou”.

Uma maçã se desprendera do alto de seu galho, e antes de tocar o solo sonhou.



Israel de Sá

Amante do livre pensar, continua sua epopeia no ramo da pena sobre papel. Teve um dos seus contos escolhido para a antologia de terror “Eu me Ofereço”, em homenagem ao escritor americano Stephen King. Lança agora seu primeiro romance “Cães Velhos em Pedra Fria”.

Atualmente dá os últimos retoques em seu segundo livro, de contos, chamado “O Som dos Náufragos”.

Fale com o autor:

Instagram: @omnail

E-mail: israelsa@gmail.com

Blog: fossadasalmas.tumblr.com